

A INDÚSTRIA

EM REVISTA

PUBLICAÇÃO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ

OUT A DEZ/2015 | ANO II - nº8



CRISE IMPACTA O SISTEMA S

PARA NÃO PERDER 30% DE SUA
RECEITA, SISTEMA S ASSUME
PROGRAMAS FEDERAIS

ENTREVISTA

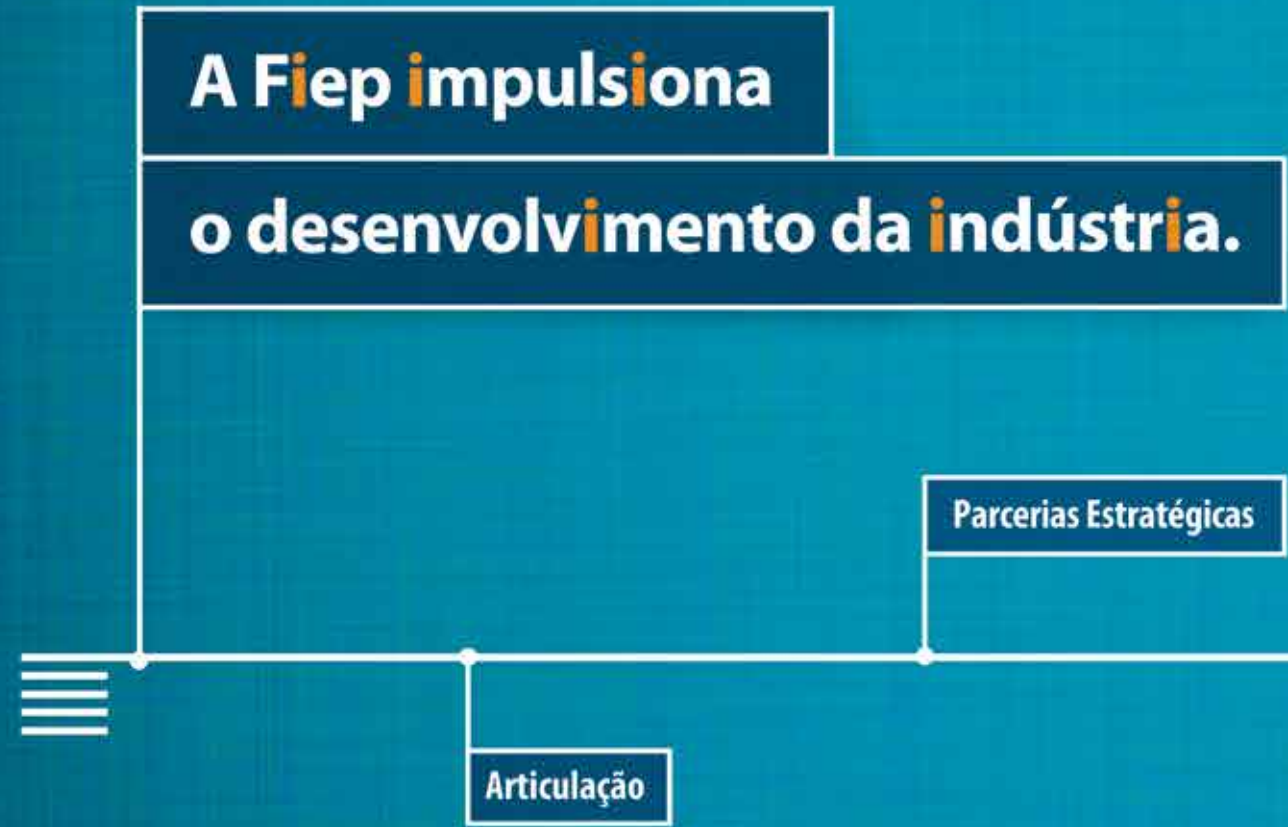
Especialista defende investimentos em
ferrovias e hidrovias para que Brasil cresça

INOVAÇÃO

Novo impulso às indústrias com
Institutos do Senai

EXPANSÃO

Colégio Sesi Internacional
ganha mais três unidades



A Fiep **i**mpulsiona

o desenvolvimento da **i**ndústria.

Parcerias Estratégicas

Articulação

A Fiep possui diversas frentes de atuação para aumentar a competitividade das indústrias.

Produz pesquisas e análises sobre a economia do setor, oferece suporte às negociações coletivas de trabalho, realiza a interlocução com as instâncias de poder público na atividade produtiva, facilita o acesso a linhas de crédito, fomenta negócios e parcerias nacionais e internacionais, além de desenvolver programas de fortalecimento da base sindical. Um exemplo dessa articulação é o **Programa de Melhoria da Competitividade Industrial**, ofertado com o intuito de estimular o desenvolvimento das indústrias paranaenses com propostas direcionadas à produtividade e ampliação de mercado industrial.

—
É por isso que a Fiep existe e trabalha.
É por isso que nosso **i** é de **i**ndústria.



ÍNDICE

07

ENTREVISTA:
OLIVIER GIRARD



Foto: Walter Craveiro

12

CAPA: EFEITOS DA CRISE
ATINGEM SISTEMAS



20

EM DEFESA DA
INDÚSTRIA: ELEITA
DIRETORIA DA FIEP
PARA QUADRIÊNIO
2015-2019



26

Faculdade da Indústria
IEL estreita relações com
universidade alemã

30

Cursos superiores de
formação tecnológica
ganham força no país

44

Consultoria do Sesi auxilia
indústrias na gestão da
responsabilidade social

EXPEDIENTE SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ

PRESIDENTE Edson Campagnolo

DIRETOR REGIONAL DO SENAI Marco Secco

SUPERINTENDENTE DO SESI E IEL José Antonio Fares

A INDÚSTRIA EM REVISTA

A Indústria em Revista é uma publicação do Sistema Federação das Indústrias do Paraná

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Elvira Fantin (2152/DRT-PR)

EDIÇÃO: Juliane Ferreira (Interact Comunicação Empresarial)

REPÓRTERES: Bruna Prado, Carina Bartelli, Karla Mendes, Maureen Bertol, Náthalli Antonioli, Rosângela Oliveira, Sergio R. Del Giorno

APOIO: Bernardo Wolff, Denise Morini, Patrícia Giannini, Rodrigo Lopes, Tina Demarche e Vanessa Dasko

REVISÃO: Sergio R. Del Giorno

PROJETO GRÁFICO: Marketing do Sistema Fiep e CCZ Comunicação

DIAGRAMAÇÃO: André Zem e Neto Tedesco

FOTOGRAFIA: Gelson Bampi

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Adriana Brandão

GERÊNCIA DE MARKETING E COMUNICAÇÃO: Márcia Souza

CONSELHO CONSULTIVO: Eduardo Knechtel, Jorge Jacon, Maria Aparecida Lopes, Maria Cristhina Rocha e Michelle Araújo

TIRAGEM: 10 mil exemplares

COMENTÁRIOS, CRÍTICAS E SUGESTÕES, ESCREVA PARA:
aindustriaemrevista@fiepr.org.br

PALAVRA DO PRESIDENTE

O Brasil atravessa atualmente a pior crise de sua história recente. Um cenário de retração econômica, para o qual o país não vê solução por conta de uma fortíssima turbulência política.

Enquanto vivia seguidos anos de bom desempenho econômico, o país não se preocupou em fazer a lição de casa e realizar as reformas estruturantes que garantissem seu crescimento em longo prazo. Pior: o governo chegou a um déficit nos cofres públicos que hoje dificulta ainda mais a saída da crise.

Diante disso, o país não tem outra solução que não seja realizar um amplo ajuste fiscal, que recoloque as contas públicas nos eixos e possibilite a retomada do crescimento. Porém, o governo mais uma vez joga a conta nas costas da sociedade. Ao invés de cortar na própria carne e realizar uma ampla reforma administrativa – eliminando gastos desnecessários, reduzindo o tamanho da máquina pública e aumentando sua eficiência – o governo recorre a aumento de impostos sobre pessoas físicas e jurídicas.

E, desta vez, lançou mão de novos artifícios. Entre eles, chegou a anunciar a possibilidade de retirar recursos do Sistema S para cobrir parte do rombo nas contas da União. Esse grupo de instituições, do qual faz parte o Sistema Fiep, presta serviços que beneficiam empresas e trabalhadores de diversos segmentos econômicos. Trazem, portanto, resultados concretos e consistentes para o desenvolvimento do país. Nesta edição de A Indústria em Revista mostramos como foi costurado um acordo para que esse corte não ocorresse, mas que exige uma contrapartida das entidades, forçando a revisão do planejamento de Sesi e Senai para 2016.

Revelamos, ainda, soluções que os empreendedores estão buscando para fugir da crise e manter vivos seus negócios. Mostramos que, muitas vezes, crise



e oportunidade andam juntas. E, nesse sentido, apresentamos o “Programa Fiep de Melhoria da Competitividade Industrial”, que chega para dar suporte para que indústrias paranaenses saiam fortalecidas dessa crise.

São ações para a melhoria da produtividade e da gestão de recursos, redução de custos e busca por novos mercados. Em resumo: para o aumento da competitividade das indústrias. Desafios diários que assustam, principalmente, as pequenas e médias empresas, foco inicial do programa. Desafios que farão parte também do dia a dia da nova diretoria eleita da Fiep, que assume para o próximo quadriênio com a única certeza de que ainda há muito trabalho a ser feito.

Enfim, o que mostramos nesta edição é que a vontade de crescer e se superar devem ser maiores do que o desencanto e a desesperança. E que, mais do que nunca, o setor industrial e toda a sociedade precisam se unir para cobrar de nossa classe política as medidas necessárias para que o Brasil encontre um caminho de desenvolvimento condizente com seu enorme potencial.

Boa Leitura!

Edson Campagnolo

Presidente do Sistema Fiep

TRANSPARÊNCIA É UM BOM NEGÓCIO PARA EMPRESAS E INSTITUIÇÕES

Após algumas décadas em que a atenção da gestão das empresas concentrou-se na qualidade dos seus produtos, processos e serviços, uma nova onda de demandas precisa ser atendida. Há um conjunto de expectativas presentes no consciente ou no subconsciente das pessoas sobre o papel da empresa em sua relação com a sociedade. Os clientes e consumidores esperam que as empresas cumpram um papel social mais amplo, significativo e responsável. A sociedade irá, cada vez mais, impor e cobrar a ética e a conduta de gestores públicos e privados.

6

Nesse contexto, torna-se estratégico que os conhecidos princípios da boa governança, de transparência, de prestação de contas, de equidade e do cumprimento das leis sejam praticados e assimilados pela cultura interna da empresa.

Objetivando aproveitar as oportunidades que se abrem para quem (per) segue a conformidade e o combate ao desperdício, as empresas vêm investindo em tecnologias de ponta, empregando monitoramento contínuo e estatísticas aplicadas a problemas como fraudes e desperdícios, obtendo *insights* assertivos para identificação de problemas e tomada de decisão.

Ao mapear essas expectativas e ao aproximar-se criativamente de sua satisfação, a empresa contribui para a solução das mazelas da sociedade e reforça seus vínculos com os clientes, obtendo vantagem competitiva. Da mesma forma, como muitas alternativas de abordagem da questão ambiental transformaram-se em importantes

vantagens em custo, assim também o atendimento às expectativas mais intangíveis da sociedade pode tornar-se importante fator de rentabilidade.

Algumas organizações pioneiras, como é o caso das Federações das Indústrias dos Estados do Paraná e de Santa Catarina (Fiep e Fiesc) e do Tribunal de Contas do Paraná (TCE), já estão empreendendo ações concretas para fazer frente a esses novos desafios, implementando ferramentas capazes de controlar efetivamente a gestão e prestar contas à sociedade. Nas organizações privadas há também exemplos em empresas de médio e grande porte e prestadoras de serviço, podendo citar a GNO, da Bahia, e Golgo Advogados Associados, do Rio Grande do Sul.

Uma empresa existe porque a sociedade, através de suas leis e instituições, lhe permite existir. Sua atuação não pode agredir impunemente essa mesma sociedade. Demonstrar que sua atuação não é danosa, ou que supera os limites mínimos de retribuição social, será cada vez mais um bom negócio.

Sinais vigorosos emitidos por autoridades públicas, movimentos sociais e órgãos de representação de categorias econômicas e profissionais estão aí para quem souber ouvir e, principalmente, discernir. <<<



Antonio C. Weck, CEO Shelter IT.
Advogado, mestre em Direito,
especializado em Direito
e Economia

CRESCIMENTO TRAVADO NA LOGÍSTICA

O consultor em logística Olivier Girard defende o investimento maciço em ferrovias e hidrovias para destravar o crescimento brasileiro

O francês Olivier Girard, um dos sócios da Macrologística Consultores, tem vasta experiência no ramo logístico, com mais de cem projetos de consultoria em quase 20 anos de carreira e tendo sido agraciado com o Prêmio Excellent Award, da Booz Allen Hamilton, por seu trabalho na coordenação dos projetos de preparação comercial do Sistema Telebrás na privatização realizada em 1998. Foi diretor e responsável técnico pelos projetos Norte, Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste Competitivos, de planejamento estratégico de infraestrutura de transporte de cargas, realizados para a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e para as Federações da Indústria. Os projetos vêm sendo utilizados como fonte pela Empresa de Planejamento de Logística do Governo Federal na elaboração do Programa de Investimentos em Logística (PIL) e do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC3). Especializado na área de infraestrutura, Girard tem conduzido diversos projetos nos setores de transporte, energia e desenvolvimento industrial em todo o Brasil e possui uma visão ampla sobre os problemas e gargalos logísticos no país e no Paraná. »»



Como o senhor vê a questão logística no Brasil?

O Brasil é muito ineficiente, com a matriz totalmente orientada ao modal rodoviário, que é o mais caro e desigual de todos. Nas grandes regiões produtoras agrícolas do Sul e Centro-Oeste, ele responde por 87% do volume movimentado, e, no Sudeste, por 69%. Segundo pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT), somente 30,7% e 39,6% das rodovias do Centro-Oeste e do Sul, respectivamente, são consideradas boas ou ótimas, contra 51,8% no Sudeste. Esta ineficiência toda se reflete em aumento de custos logísticos, já que se utiliza o frete rodoviário interno, que é mais caro e é inflado ainda pelas péssimas condições das rodovias, o que afeta nossa competitividade. Por exemplo, no agronegócio o Brasil apresenta as maiores taxas de produtividade do mundo na produção de soja, bem superior às dos Estados Unidos e um pouco melhores das que as da Argentina. Mas, quando agrega-se a logística, o custo final do produto no porto fica muito mais alto do que dos nossos vizinhos e próximo ao dos americanos. Isso se reflete em perda de mercado. É o mesmo em toda a cadeia produtiva, do campo e da jazida até a indústria. Quando realizamos o Projeto Sul Competitivo, percebemos que somente os custos logísticos de transporte representavam R\$ 30,6 bilhões anualmente, o que significa 5,7% do PIB da região Sul. Isto é quase o dobro dos Estados Unidos, quando se analisa apenas o transporte.

Como está dividida a matriz de transporte no Brasil?

O modal rodoviário domina, com 88,1% no Centro-Oeste, 87,1% no Sul, 69,3% no Sudeste, 62,1% no Nordeste, só tendo menor relevância no Norte, com 13,8%. Teoricamente os custos deveriam seguir a lógica, e os demais modais serem mais vantajosos economicamente, mas isso não ocorre porque quase não há competição dentro dos modais. As ferrovias, por exemplo, competem com as rodovias e cobram preços próximos a estas. Assim, o modal ferroviário acaba custando 95% do rodoviário e, em alguns casos, como na chegada a Paranaguá, é mais caro



chegar com a carga de trem do que de caminhão. O Brasil peca por não investir mais em hidrovias, que são econômicas e sustentáveis. Temos mais de 10 mil quilômetros de rios com potencial navegável e utilizamos muito pouco. Fora que há sempre uma competição entre os setores energético e de transportes pelo uso do rio. Construíram-se diversas hidrelétricas sem sequer fazer um estudo sobre a inclusão de eclusas nos projetos básicos. Ou seja, elimina-se todo o potencial de navegação nos rios sem sequer se estudar seu potencial.

O que é preciso ser feito no Brasil em termos de infraestrutura logística?

No curto prazo, investir em resolver os gargalos críticos de acesso aos portos. Santos (SP) e Paranaguá são dois exemplos de problemas de acesso, mas não são os únicos. Além disso, precisamos investir em melhorias nos processos de recepção de navios, integrando e centralizando os sistemas e órgãos fiscalizadores. No médio prazo, resolver os gargalos das malhas ferroviárias antigas. Estes investimentos não fazem parte das obrigações das concessões dos anos 90, e o setor privado só investirá se houver contrapartida. Para tanto, o governo poderia focar em aumentar o prazo de concessão, desde que os investimentos na malha voltem. No longo prazo, continuar mudando a matriz brasileira, incentivando a construção de novas ferrovias e hidrovias e promovendo o aumento da competição entre os meios de transporte.

Como está a infraestrutura logística no Paraná?

No geral, ela é boa quando comparada ao restante do país, mas tem que ser bastante melhorada. A começar pela construção da continuação da ferrovia Norte-Sul em direção ao Rio Grande, que poderá abastecer as granjas do sudoeste do Paraná e do oeste catarinense com o tão necessário milho que é abundante em Goiás e Mato

Grosso. Ainda hoje, sai mais barato importar milho da Argentina do que usar o milho do Centro-Oeste. Outra ferrovia importante seria a Maracaju (MS)-Guaíra-Cascavel-Paranaguá (Oeste-Leste), em bitola larga, com amplos benefícios para o setor agropecuário exportador paranaense. É preciso também repensar o sistema de concessões rodoviárias estaduais. As estradas estão boas, mas por diversos motivos as necessárias duplicações e outros investimentos não foram realizados na velocidade que o Estado necessita.

“O Brasil é muito ineficiente, com a matriz totalmente orientada ao modal rodoviário, que é o mais caro e desigual de todos. Esta ineficiência se reflete em aumento de custos logísticos, inflado pelas péssimas condições das rodovias, o que afeta nossa competitividade.”

Nas estradas, há a questão dos pedágios. A Fiep defende que, em 2021, quando terminarem os contratos da primeira geração de concessões, seja feita nova concorrência baseada em um novo modelo, com exigências de qualidade bastante altas e valor justo. Esse é o caminho? >>>

"No curto prazo, o Brasil precisa investir em resolver os gargalos críticos de acesso aos portos.

No médio prazo, em resolver os gargalos das malhas ferroviárias antigas. No longo prazo, em continuar mudando a matriz brasileira, incentivando a construção de novas ferrovias e hidrovias."

10

O preço do pedágio não é o problema principal. O problema é quando se paga por um serviço e este não é executado de forma adequada. Ao pensarmos em novas concessões, prefiro o modelo que foca na ampliação de investimentos com pedágios justos. Sou contra concessões de outorgas onerosas sem contrapartida. Isso serve apenas para resolver o problema de caixa dos governos. Mas focar somente em menores preços de pedágio também não é a solução, como ficou demonstrado no caso da Serra do Cafezal, na BR-116, em São Paulo, que até hoje não foi duplicada. Tudo vai depender das exigências a serem cumpridas pelos novos concessionários. O mais importante é garantir em contrato que as regras não mudarão no meio da concessão. Somente isso possibilitará a atração de investidores estrangeiros ou brasileiros. No Paraná, tivemos o congelamento de tarifas no governo de Roberto Requião, que causou problemas de descompasso econômico das concessões, que foram revertidas com mudanças nas obrigações contratuais com reflexos até hoje.

Quais são os principais gargalos em nosso Estado e em quais modais?

Como citei, temos a Serra do Cafezal, que se arrasta há anos e afeta também a competitividade do

Estado. Temos todo o tráfego da BR-101 vindo de Santa Catarina e que passa pela região metropolitana de Curitiba. É preciso fazer uma extensão dela, passando próximo a Paranaguá e subindo a serra mais próximo da divisa com São Paulo. Também há problemas na descida ferroviária da Serra do Mar, que limita muito o transporte até Paranaguá. Pode-se pensar em interligar os portos de Paranaguá e São Francisco do Sul (SC), formando um anel ferroviário, com descida da carga pela Serra do Mar em Paranaguá e subida por Santa Catarina. Outra solução seria uma nova descida em bitola larga interligada à nova ferrovia Maracaju-Paranaguá. Para todas as soluções há defensores e críticos. O Paraná precisa conversar com os governos Federal e de Santa Catarina e decidir o que é melhor para todos.

No Paraná, quais projetos em andamento o senhor destacaria? E quais precisariam de mais investimentos?

Os destaques vão para a ampliação do porto de Paranaguá, em muito oriunda de investimentos privados, como foi a construção do novo berço de contêineres pela TCP; e para a melhoria do Aeroporto

Internacional Afonso Pena, que foi muito benéfica, apesar de ainda faltar investimentos que talvez só a concessão para o setor privado poderá tornar realidade. Na questão dos investimentos, é preciso priorizar a matriz ferroviária. O Estado é rico e tem uma excelente economia agropecuária que necessita de agilidade e baixos custos logísticos para competir e progredir. A Ferroeste está há muito tempo praticamente abandonada. Por que não promover a sua ampliação e melhoria? Isso não depende do Governo Federal, já que se trata de uma concessão estadual. Basta o Paraná querer.

As estruturas de controle – como os órgãos ambientais e Tribunais de Contas – não atrasam demais as licitações e obras em infraestrutura?

Sim, mas eles têm um papel importante no processo. Isso faz parte do respeito democrático das instituições. Só que tem que haver bom senso de todas as partes. Do lado ambiental, temos uma legislação de proteção ambiental de primeiro mundo. Mas temos uma infraestrutura de transportes em muitos casos de terceiro mundo. As duas precisam aprender a dialogar e se entender. Sobre tudo se pensarmos que o Brasil compete com países que

passam por cima de muitas exigências ambientais e se tornaram ao longo dos últimos anos muito competitivos, como China e Índia. Já o Tribunal de Contas faz um papel importantíssimo de diminuição da corrupção. Ele dá suporte de informação a muito do que está sendo investigado com primor pela Polícia Federal paranaense, por exemplo. Mas também é preciso bom senso. Obras às vezes são paralisadas por anos, trazendo muito mais prejuízos. Não seria melhor continuar as obras, perseguindo judicialmente os corruptos em paralelo?

Como está a atração de investimentos para a logística no Brasil?

O Brasil é um celeiro de oportunidades de investimento em logística. Simplesmente porque há quase tudo a ser feito. Mas faltam bons projetos baseados em estudos de potencial de carga confiáveis que sustentem estudos de viabilidade econômico-financeira de qualidade. E sobretudo há necessidade de regras claras e que sejam respeitadas por todos os governos que se sucedam em Brasília, seja de direita ou de esquerda. O que mais afasta o investidor do Brasil é o risco contínuo de mudança nas regras. ««

“A Ferroeste está há muito tempo praticamente abandonada. Por que não promover a sua ampliação e melhoria? Isso não depende do Governo Federal, já que se trata de uma concessão estadual. Basta o Paraná querer.”



EFEITOS DO AJUSTE FISCAL ATINGEM SISTEMA S

Programas federais nas áreas de saúde e educação serão assumidos pelas instituições do Sistema S em 2016 para que governo não corte 30% da receita das casas

12

As instituições que compõem o Sistema S vão assumir integralmente, em 2016, a execução de programas federais nas áreas de educação e saúde. Totalmente mantido pelo setor privado, o Sistema S assume os compromissos que cabem ao governo, para não perder 30% de sua receita, percentual que o governo federal ameaçava tirar das instituições privadas como parte do ajuste fiscal para fazer frente ao necessário equilíbrio dos cofres públicos.

A crise e a necessidade de a União acertar suas contas fez surgir o risco ao Sistema S. Como parte de seu ajuste fiscal, o governo federal anunciou em setembro que editaria uma medida

provisória para destinar aos cofres públicos 30% das receitas originalmente destinados às instituições. Somente no caso de Sesi e Senai, que integram o Sistema S e prestam serviços ao setor industrial - isso representaria uma perda de cerca de R\$ 1,75 bilhão por ano em todo o país.

O presidente do Sistema Fiep, Edson Campagnolo, classifica a proposta como uma espécie de confisco ao Sistema S. "No caso de Sesi e Senai, esse dinheiro é pago pelos industriais, em cima de um percentual da folha de pagamentos - sem retirar um único centavo dos trabalhadores. De acordo com a Constituição, esse recurso só pode ser usado para manter

o Sistema S, que presta um grande serviço para o setor produtivo brasileiro”, afirma. O corte inicial nas receitas anunciado pelo governo ocasionaria o fechamento de diversas estruturas, inclusive escolas de formação profissional.

Após forte reação da grande maioria das instituições – entre elas o Sistema Fiep – o governo federal recuou e passou a negociar uma saída para o impasse. Em troca da manutenção dos recursos, o Sistema S vai absorver pelo período de um ano alguns programas que deveriam ser ofertados pelo governo federal, levando em conta a área de atuação de cada instituição, destinando para isso o equivalente a 25% de sua receita.

Isso vai aliviar, ao menos em parte, o déficit no orçamento federal, sem comprometer excessivamente a estrutura do Sistema S. Para Campagnolo, ainda assim a medida causa um impacto nas atividades das instituições. “Certamente teremos que fazer uma revisão em nosso planejamento para o próximo ano”, diz.

Para o presidente do Sistema Fiep, a proposta do governo federal de mexer no Sistema S é um grande equívoco, que se agrava ainda mais pela falta de iniciativas concretas da União para promover cortes nos gastos públicos. “Não vemos o governo cortando seus gastos. Ele não consegue controlar os gastos desnecessários ou enxugar a imensa máquina pública brasileira. Ao contrário, retira recursos de instituições que prestam contas a órgãos de controle e que oferecem serviços que beneficiam toda a sociedade”, declara Campagnolo.

“Vai ser um ano bem difícil. Teremos que reduzir atendimentos e racionalizar atividades”, adianta José Antonio Fares, superintendente do Sesi no Paraná. Segundo ele, o Sesi será obrigado a

rever o número de alunos em suas escolas e os atendimentos na área de saúde.

Ao Senai, em tese, caberá assumir totalmente o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), uma das grandes iniciativas do governo Dilma Rousseff para a democratização da oferta de educação profissional à população. Desde 2011, quando o Pronatec foi lançado, o Senai já atua como o principal parceiro do governo federal. Mas, recebia recursos federais para executar o programa. “Em 2016, estes repasses não acontecerão e o Senai terá que executar o programa com recursos próprios”, diz Marco Secco, diretor da instituição no Paraná.

GRATUIDADE

Não é a primeira vez que o Sistema S tem que ceder nas negociações com o governo federal. Em 2008, também sofrendo risco de ver seus recursos confiscados, as instituições ofereceram como contrapartida destinar um percentual de sua receita à gratuidade. No caso do Senai, por exemplo, o acordo implicava em um aumento progressivo deste percentual até chegar a 66% em 2014, índice que está em vigor atualmente.

No caso do Sesi, como contrapartida nas negociações com o governo federal, desde 2008, 33% da receita são direcionados a programas voltados à comunidade sem nenhum custo para o beneficiário.

PARA ENFRENTAR A CRISE

A ameaça que ronda o Sistema S é consequência de uma crise que já é sentida pelas indústrias. Apesar de todos os alertas prévios feitos pelas organizações representativas do setor produtivo, incluindo o Sistema Fiep, a crise está instalada. O modelo baseado no consumo se exauriu. As contas dos governos federal e estaduais não fecham e, apesar de alguns projetos e programas de infraestrutura estarem »»



14

caminhando, não foi feita a transição necessária para um modelo de diminuição dos gastos públicos e estímulo aos investimentos e reforma tributária. A solução proposta é a mesma de sempre: aumentar ainda mais os impostos.

O setor produtivo, que tanto sacrifício faz pelo crescimento do país, está sendo enormemente afetado. Mas, lembrando que a crise também é oportunidade, em vez de ficar simplesmente esperando a tempestade passar, a Fiep propôs iniciativas práticas para as indústrias paranaenses aproveitarem esse período de instabilidade para gerarem novos negócios. Elas estão no "Programa Fiep de Melhoria da Competitividade Industrial", lançado em julho, que inclui ações voltadas ao mapeamento do setor e da economia e, principalmente, iniciativas de intervenção voltadas à produtividade e à ampliação de mercado.

INDÚSTRIA FORTALECIDA

O reflexo da desaceleração da economia já se faz sentir e a falta de ações governamentais que reduzam o custo Brasil diante desse quadro piora a situação, ainda mais com os agravantes da perda do

grau de investimento do país pela agência Standard & Poors e dos sinais negativos da economia nos Estados Unidos, Europa, China e Japão.

Aqui no Estado, já se sente os reflexos do que ocorre no restante do Brasil. A última edição dos Indicadores Conjunturais da Fiep, publicada em agosto, trouxe o balanço feito até o mês de junho deste ano. O estudo mostrou queda de 6,28% nas vendas e redução de 4,7% no emprego. A confiança dos empresários também está em nível baixo. Os últimos resultados do ICET-PR (Índice de Confiança do Empresário da Indústria de Transformação do Paraná), de julho, mostraram uma queda de 4,9% em relação a junho, chegando a 30,9 pontos. Este foi o pior desempenho do indicador desde que a Fiep começou a realizar a pesquisa, em janeiro de 2012.

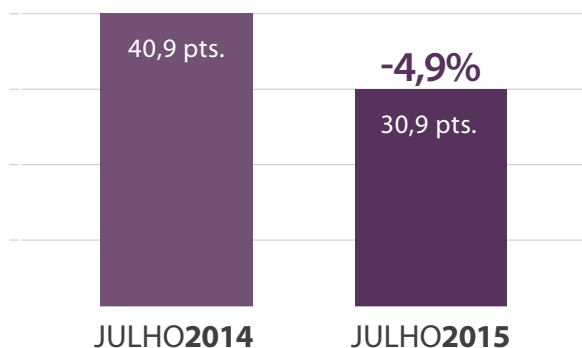
Outro indicador, o ICEC-PR (Índice de Confiança do Empresário de Construção Civil do Paraná), também caiu em julho, completando seis meses consecutivos de queda. O índice teve retração de 1,3% em relação a junho, chegando 38,9 pontos, configurando 2015 como o de pior nível de otimismo desde 2009, quando começou a ser pesquisado pela Fiep.

Marcelo Percicotti, gerente de Fomento e Desenvolvimento do Sistema Fiep, explica que esses sinais de alerta motivaram o lançamento do Programa Fiep de Melhoria da Competitividade Industrial. "As empresas estão vivendo um cenário de queda na demanda por seus produtos e serviços, o que impacta na rentabilidade e gera dificuldades para manutenção da estrutura organizacional. O programa busca apresentar uma resposta objetiva para os desafios", diz. O programa apoia a prospecção de novos mercados através de rodadas de negócios nacionais e internacionais e assessora o processo de internacionalização de micro e pequenas indústrias.

No que se refere à gestão empresarial, foi aberto em agosto, com resultados divulgados em setembro, o edital do "Programa de Apoio à Competitividade das Indústrias do Paraná", um investimento com recursos próprios da Fiep para que grupos de empresas associadas a sindicatos possam receber consultorias para assuntos que impactam diretamente na estrutura de custos, como gestão financeira, gestão da produção e eficiência energética.

ICET-PR

Índice de Confiança do Empresário da Indústria de Transformação do Paraná



ICEC-PR

Índice de Confiança do Empresário de Construção Civil do Paraná

38,9 pontos

O Índice de Confiança do Empresário de Construção Civil do Paraná (ICEC-PR) chegou a 38,9 pontos configurando 2015 como o de pior nível de otimismo desde 2009.

CAPA

15

No que se refere à gestão empresarial, foi aberto em agosto, com resultados divulgados em setembro, o edital do "Programa de Apoio à Competitividade das Indústrias do Paraná", um investimento com recursos próprios da Fiep para que grupos de empresas associadas a sindicatos possam receber consultorias para assuntos que impactam diretamente na estrutura de custos, como gestão financeira, gestão da produção e eficiência energética. »»

SINDICATO	PROJETO
SINDIMETAL MARINGÁ	Melhoria da Competitividade em Tempos de Crise
SINDIMETAL CAMPO MOURÃO	Capacitação Empresarial para Gestores das Indústrias do Setor Metalmecânico e Região
CASA DA INDÚSTRIA DE CASCAVEL	Capacitação Empresarial para Gestores de Indústrias das Regiões Oeste e Sudoeste do Paraná
SINDIREPA PR	Capacitação para Gestores de Reparadoras de Veículos de Curitiba e Região Metropolitana
SIMOV	Capacitação Empresarial para Gestores das Indústrias de Móveis do Paraná



16

ESTÍMULO À COMPETITIVIDADE

Dentro do edital do "Programa de Apoio à Competitividade das Indústrias do Paraná", cinco projetos foram aprovados no início de setembro. Cada um contemplará 20 diferentes empresas, priorizando diagnósticos e consultoria em áreas essenciais para a manutenção da produtividade, a redução de custos e o aumento da competitividade dos participantes, com prazo de conclusão de cerca de um ano. Embora o programa não tenha restrição ao porte das indústrias participantes, todas as empresas selecionadas foram pequenas e médias, pois são os segmentos que mais sofrem em tempos difíceis por falta de estruturas e áreas especializadas.

De acordo com Carlos Walter Martins Pedro, presidente do Sindimetal Maringá (Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Maringá), que teve um dos projetos aprovados, a retração econômica já diminuiu as vendas do setor entre 20% e 40%, obrigando as empresas a cortarem custos e aumentarem sua eficácia para manter a produtividade. "Mas

não podemos pensar em reduzir custos somente cortando mão de obra ou elementos essenciais. Pode-se fazer isso otimizando processos, melhorando a gestão financeira e de estoques, melhorando a eficiência no chão de fábrica e a atuação comercial.

Esse projeto vem para dar um apoio por meio de especialistas, que vão fazer análises comerciais, financeiras e de processos. A crise é negativa, mas o lado positivo é que nos alerta e gera oportunidades, mesmo que seja para corrigir o que fazemos de forma errada", analisa.

João Alberto Soares de Andrade, presidente do Sindicato das Indústrias de Madeira e do Mobiliário do Oeste do Paraná (Sindmadeira Oeste) acredita

que a crise econômica e política que se instalou no Brasil pode servir de exemplo às indústrias de como não gerir seus negócios: uso indevido de recursos, alavancando atividades sem lastro e com gastos excessivos e de má qualidade.

O Sindmadeira Oeste compõe – juntamente com Sinduscon Oeste (Sindicato da Indústria da Construção Civil do Oeste do Paraná), Sindiwest (Sindicato das Indústrias do Vestuário do Oeste do Paraná), Sindap (Sindicato da Indústria da Panificação e Confeitaria do Oeste do Estado do Paraná) e Sindimadmov (Sindicato das Indústrias Madeireiras e Moveleiras do Sudoeste do Paraná) – a Casa da Indústria de Cascavel, que também teve um projeto aprovado dando oportunidade a 20 pequenas e médias empresas de se capacitarem para melhorar sua gestão e seu controle de custos. "Essa é uma oportunidade para enfrentarmos a crise com programas de qualificação empresarial adequados. E o bom é o fato de ser um projeto construído pelos próprios empresários, buscando técnicos com visão clara de cada segmento", diz.

O Sindicato da Indústria Moveleira do Paraná (Simov) aprovou um projeto que vai beneficiar 20 empresas associadas. Para o presidente do sindicato, Mauro Pereira Schwartsburd, as consultorias e oficinas proporcionadas servirão para corte de custos e melhoria nos processos gerais. Segundo Schwartsburd, independente da crise, toda empresa tem que estar sempre buscando melhorias e diminuição de custos. "O atual quadro veio para alertar as empresas de que elas têm que procurar meios de se qualificar. É preciso sair de sua zona de conforto e buscar soluções", afirma.

Maria Aparecida Lopes, gerente de Relações Sindicais da Fiep, avalia que o trabalho conjunto deixa todos mais próximos na busca de avanços, mesmo em tempo de crise. "Estamos sempre atentos aos anseios e às dificuldades dos industriais. A criação deste programa é uma oportunidade para que as empresas aprimorem

seus processos e saiam fortalecidas, com uma percepção maior de possibilidades e de ferramentas para enfrentar a crise", avalia

NEGÓCIOS NA MESA

Já bastante difundidas pela Fiep, as rodadas de negócio são outra opção para as empresas driblarem os efeitos da crise. Um dos exemplos de maior repercussão foram as rodadas nacional e internacional realizadas no último Congresso Moveleiro, em setembro, no Campus da Indústria, que superaram todas as expectativas. As salas ficaram lotadas, com muita fila de espera. »»

Rodadas de negócios são oportunidades comerciais interessante para as empresas



A Aramóveis, de Arapongas, tem 43 anos de tradição no ramo moveleiro. A indústria não deixa passar a oportunidade de participar das rodadas de negócio, onde sempre conquista novos contratos. Daniele Baltazar, do Departamento de Exportação da empresa, destaca nesses eventos a seleção de importadores que realmente vêm para comprar e fazer negócios. "Também vejo como vantagem a possibilidade de conhecer vários importadores de diferentes países em um mesmo local. São iniciativas que proporcionam o começo de grandes negócios", diz.



A HB Móveis, também de Arapongas, está completando 15 anos e atua em todos os Estados brasileiros e também no exterior, exportando para França, Angola, África do Sul, Zâmbia, Namíbia, Moçambique, Zimbábue, Tanzânia, Catar, Kuwait, Emirados Árabes, Uruguai, Paraguai, Chile, Bolívia, Peru, Panamá, Honduras, Costa Rica, Guatemala, Equador e México. A primeira experiência com as rodadas de negócio foi em 2014 e trouxe muitos bons frutos. "Mesmo que a negociação não ocorra na hora desses encontros, eles abrem as portas para uma prospecção e contatos comerciais de grande valia" afirma Luís Fernando Gasparoto, gerente de Exportações da HB Móveis.

Segundo ele, em um quadro de crise como estamos, iniciativas como estas, que contam com a parceria da Fiep, são destaques positivos. "Elas ajudam a estimular o otimismo para superação das dificuldades", avalia.

Além dessas, a Fiep tem feito rodadas voltadas a outros setores, sempre com resultados positivos. Para o superintendente da Fiep, Reinaldo Tockus, a participação das indústrias traz a vantagem do resultado imediato. Nas rodadas internacionais, os compradores são convidados e chegam com demandas prontas, que podem então ser atendidas pelas indústrias interessadas. Depois da rodada do setor moveleiro, já está sendo organizado outro evento internacional, desta vez para o setor do vestuário.

Já nas rodadas nacionais, a Fiep trabalha em parceria com o Sebrae, por exemplo, para estimular as pequenas e médias empresas a fecharem contratos com grandes empresas-âncoras, que comprem em grandes quantidades, permitindo realizar bons contratos. "Esta é a forma mais efetiva de relacionamento de comercial, colocando os negociadores frente a frente. Historicamente temos um índice altíssimo de sucesso nesse tipo de abordagem, o que nos leva a acreditar no sucesso dessas rodadas", diz Tockus.

DE OLHO NO EXTERIOR

Na visão da Fiep, outra grande forma de combater os efeitos da crise é promover a internacionalização das empresas, principalmente aquelas de pequeno e médio porte, que normalmente não contam com estruturas ou know-how voltados a esse fim. É por isso que, dentro do Programa de Competitividade, a entidade está incentivando as indústrias a conhecerem e a aderirem ao Inseri (Inserção Internacional Competitiva de Pequenos Negócios), um convênio entre o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), a CNI (Confederação Nacional da Indústria) – por meio da Rede CIN (Rede de Centros Internacionais de Negócios) – e as Federações da Indústria estaduais.

Voltado aos segmentos de software, vestuário, móveis, cosméticos, máquinas e equipamentos, e alimentos e bebidas, o programa proporciona capacitações básicas e específicas, aumentando o conhecimento e a confiança dos participantes para o ingresso no mercado internacional, e ações mais efetivas de consultoria direta e missões internacionais para a promoção dos negócios. "São conhecimentos práticos decisivos para a conquista de fatias internacionais de mercado e atualização tecnológica dos produtos ofertados pela indústria do Paraná", diz Reinaldo Tockus.

Neste ano, aderiram ao programa 58 empresas, que estão se preparando por meio de



capacitações transversais e específicas, coaching individualizado e missões internacionais para prospecção e promoção. Para conhecer e se inscrever no programa, o empresário deve acessar o site da Rede CIN no Paraná: www.cinpr.org.br.

AÇÕES COMPLEMENTARES

Como ações complementares ao "Programa Fiep de Melhoria da Competitividade Industrial", a entidade está reforçando algumas atividades. Uma delas é o Programa Bolsista, feito por intermédio do IEL (Instituto Euvaldo Lodi), para que as empresas possam contar com estagiários para ajudar nesses processos de melhoria da competitividade. A Fiep também vai propor e acompanhar indicadores de produtividade junto às indústrias participantes do programa, criar um banco de dados para o compartilhamento dos estudos desenvolvidos, facilitando o cruzamento de indicadores e análises conjunturais, e está trabalhando em um Mapa da Competitividade, com informações georreferenciadas de ativos institucionais, tecnológicos e de infraestrutura do Paraná. "Essas são algumas das iniciativas de apoio da Fiep para a indústria paranaense. Outras ainda serão desenvolvidas no sentido de contribuir para a promoção da competitividade das indústrias", finaliza o gerente de Fomento e Desenvolvimento, Marcelo Percicotti. ««

Presidente da Fiep assumiu segundo mandato à frente da entidade, em solenidade com a presença de lideranças industriais do Paraná e outros Estados

DESAFIO DE FAZER AINDA MELHOR

20

Nova diretoria da Fiep assume mandato para o quadriênio 2015-2019

A nova diretoria da Federação das Indústrias do Paraná (Fiep) 2015-2019 foi eleita em 5 de agosto, com ampla aprovação dos sindicatos industriais filiados. Das 96 instituições aptas a votar, 93 depositaram seus votos na urna, numa das maiores taxas de comparecimento em todas as eleições dos mais de 70 anos de história da Fiep. No total, os representantes de 86 sindicatos aprovaram a escolha da chapa Fiep Unida e + Forte.

Em seu discurso de posse, Edson Campagnolo, que assume seu segundo mandato na presidência da Fiep, ressaltou principalmente as dificuldades enfrentadas pelo setor industrial, que são fruto de políticas que desestimulam o

empreendedorismo e de uma sede arrecadatória que tira a competitividade das empresas em troca do sustento de uma estrutura pública inchada. Na avaliação do presidente, o setor produtivo não suporta mais sustentar uma máquina pública gigantesca e ineficiente, que não provê condições para o pleno desenvolvimento econômico e social do país. “O tamanho do Estado não pode ser esse, porque a produção não aguenta sustentá-lo”, afirmou Campagnolo. “Temos muita gente se servindo do país, com benesses pagas por quem trabalha, pelo empreendedor e pelo trabalhador. Se continuarmos assim estaremos seguindo para um caminho sem volta”, completou.

Para o presidente da Fiep, essa situação só mudará se houver engajamento de toda a sociedade. “Isso só vai mudar com a gente. O que me anima é a sensação de que podemos fazer mais. Nós podemos transformar esse país”, declarou.

Nessa luta, Campagnolo afirmou que o setor industrial paranaense e brasileiro pode contar com a disposição de todos os integrantes da nova diretoria da Fiep. “São soldados que estão dispostos a defender a indústria do Paraná e do Brasil. Que todos nós cumparamos com a confiança que foi depositada no voto, porque podemos fazer ainda melhor, por mais dificuldades que tenhamos”, disse. O presidente reeleito agradeceu ainda a todo o corpo diretivo, gerentes e os 5 mil colaboradores do Sistema Fiep. “Foi o trabalho deles que nos habilitou a seguir nesta missão por mais quatro anos”, completou.

As diretrizes dessa nova gestão foram validadas em outubro, a partir de uma série de encontros de planejamento estratégico. Nas reuniões, realizadas em todas as regiões do Paraná, presidentes de sindicatos e lideranças industriais puderam indicar as ações prioritárias que serão adotadas pela entidade nos próximos anos.

MAIS RESPEITO À INDÚSTRIA

As cobranças por mudanças na condução do país e de melhores condições para o setor produtivo também pautaram os discursos de outras autoridades presentes na solenidade de posse da nova diretoria da Fiep. O presidente da seccional paranaense da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-PR), Juliano Breda, falou em nome do movimento “Menos tributos, mais respeito”, lançado em setembro por entidades representativas do Estado. A iniciativa se coloca contrária a novos aumentos de impostos no Paraná e no Brasil. “No futuro, se não mudarmos esse cenário, partilharemos unicamente a miséria. Pedimos principalmente mais respeito à indústria do Paraná e do Brasil”, afirmou Breda.

Cobranças semelhantes foram feitas pelo presidente da Federação das Indústrias do Amazonas (Fieam), Antonio Carlos da Silva,

“O setor produtivo não suporta mais sustentar uma máquina pública gigantesca e ineficiente, que não provê condições para o pleno desenvolvimento econômico e social do país”, afirmou Campagnolo.

que na solenidade representou o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Braga de Andrade. Ele lembrou a tentativa do governo federal de retirar recursos do Sistema S, proposta que será encaminhada ao Congresso Nacional. “A ideia de retirada de recursos do Sistema S é inaceitável. Tratam-se de recursos privados, pagos pelas empresas e utilizados em favor dos trabalhadores”, declarou.

A crise econômica e política do país também foi o destaque nos discursos das lideranças políticas presentes na solenidade. O senador Alvaro Dias disse que o Brasil vive um momento “inédito, histórico e crucial” para seu futuro.

O secretário-chefe da Casa Civil, Eduardo Sciarra, que representou o governador Beto Richa, afirmou que o governo está aberto ao diálogo com o setor produtivo. Já o prefeito de Curitiba, Gustavo Fruet, declarou que o país vive um momento desafiador para a sociedade. “Não há saída sem dor. Será a transição mais difícil e desafiadora vivida pela sociedade brasileira, mas o Brasil vai passar por isso com a democracia e com as instituições”, afirmou. <<<

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO AO ALCANCE DE TODA A INDÚSTRIA

22

O Instituto Senai de Inovação (ISI) e os Institutos Senai de Tecnologia (ISTs) têm ajudado as indústrias a se tornarem mais competitivas, a implantar novos processos e transformar ideias em produtos e soluções para os seus clientes. Além disso, têm atuado de forma decisiva na solução de problemas no processo de produção.

Essa foi a experiência da Stora Enso Arapoti, unidade da multinacional instalada no interior do Paraná que se dedica à fabricação de papel. A coordenadora de Qualidade e Meio Ambiente da empresa, Márcia Moraes, conta que em 2014 uma ocorrência comum na produção começou a se tornar um grande problema para a empresa. Durante a fabricação do papel se formava um canal de umidade com grandes proporções, o que prejudicava o uso final do produto, destinado à fabricação de etiquetas. Em pouco tempo isso se tornou um motivo de reclamação dos clientes.

“O canal de umidade ocorre naturalmente durante a produção, mas estava exacerbado e

precisávamos de investigações profundas para entender por que isso estava ocorrendo e como solucionar o problema”, explica Márcia. Foi nesse momento que a indústria resolveu buscar o Instituto Senai de Tecnologia em Celulose e Papel, instalado em Telêmaco Borba.

“Nós buscamos o Senai e colocamos nossa dificuldade. Eles vieram até a indústria, realizaram uma avaliação preliminar e levaram amostras do papel para análises microscópicas”, conta ela. “Os profissionais não só realizaram os testes como também analisaram o resultado. Essa investigação durou cerca de um mês, e a resposta respaldou as ações que tomamos. Conseguimos com isso reduzir significativamente o defeito e deixar o produto adequado à necessidade do cliente. Consideramos o resultado excelente porque não tínhamos ideia nem de que tipo de análise poderíamos fazer para entender o problema. O Senai, além de nos indicar os testes, produziu os ensaios e analisou os resultados”, afirma.



Institutos Senai de Tecnologia espalhados pelo Paraná levam inovação e mais competitividade a indústrias de diversos segmentos e portes

A coordenadora de Qualidade e Meio Ambiente conta que depois dessa primeira experiência bem-sucedida, outros projetos já estão sendo desenvolvidos em conjunto com o IST. “Estamos realizando um projeto para verificar a porosidade do papel, em ensaios conhecidos como *gurley*. O resultado desse trabalho vai nos permitir reduzir a quantidade de aditivos que usamos, diminuindo o custo de fabricação do produto, mantendo a mesma qualidade”, afirma. Para ela, esses investimentos em inovação e melhoria da produção trazem resultados excelentes para a indústria. “É incomparável o custo-benefício. O investimento no estudo em si é muito barato se comparado ao retorno financeiro que ele dá”, explica.

Outro grande desafio vencido, desta vez com a ajuda do Instituto Senai de Tecnologia em Meio Ambiente e Química, instalado em Curitiba, foi a construção da proposta de Logística Reversa para o setor da Construção Civil paranaense.

De acordo com Ivanor Fantin, assessor técnico do Sinduscon-PR e vice-coordenador do Comitê de Logística Reversa para a Construção Civil, quatro sindicatos do setor no Paraná (que atuam nas regiões Oeste, Noroeste, Norte, e em Curitiba e RMC) assumiram junto à Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Paraná (Sema), de forma pioneira no país, o compromisso para o desenvolvimento do plano de Logística Reversa. Essa é uma determinação legal que deve unir toda a cadeia produtiva para garantir que os resíduos durante o processo possam ser reciclados, reutilizados ou destinados adequadamente.

“Nós já éramos parceiros do Senai e iniciamos juntos esse desafio. Um dos fatores que contribuiu para esse trabalho, sem dúvida, foi a capilaridade da instituição, uma vez que as regiões atendidas pelos sindicatos são completamente diferentes em tamanho, volume e materiais. A partir da proposta, o IST começou a trabalhar em uma pesquisa para compreender o volume e os materiais que eram gerados e como poderíamos adequar isso às exigências da legislação”, conta. »»

Entre janeiro de 2014 e julho de 2015 já foram atendidas 3.923 empresas pelos institutos em serviços variados.

“Está sendo um trabalho pioneiro, uma vez que precisamos estabelecer essa proposta para o mercado. Já há um cuidado das construtoras, sobretudo daquelas associadas aos sindicatos, com o meio ambiente. Mas não havia um planejamento para o retorno e reúso de resíduos. Foi um trabalho extremamente complexo e desafiador, para o qual pudemos contar com toda a seriedade e experiência do Senai”, diz Fantin.

Passada a fase de elaboração do projeto, que já foi aprovado pela Sema, o trabalho conjunto continua na etapa de implantação, como explica o coordenador técnico de negócios do IST em Meio Ambiente e Química, Marcos Thiesen. “A primeira fase foi a de elaborar o documento que estabeleceu o que seria feito, os prazos, métodos e possíveis parceiros. Agora serão estabelecidos os mecanismos para colocar essas informações em prática”, explica.

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Estes são apenas dois exemplos do imenso trabalho que está sendo desenvolvido pelos Institutos Senai de Tecnologia e Inovação no Paraná, e que fazem parte de uma série de 18 empreendimentos no Estado com investimentos que somam aproximadamente R\$ 190 milhões. Para se ter uma ideia desta atuação, apenas entre janeiro de 2014 e julho de 2015 já foram atendidas 3.923 empresas pelos diversos institutos em serviços variados.

Entre os ISTs, as unidades paranaenses que já operam e estão em fase de atualização, ampliação e modernização, recebendo novos equipamentos de alta tecnologia, são os de Madeira e Mobiliário (Arapongas), Metalmecânica (Maringá), Papel e Celulose (Telêmaco

Borba), Meio Ambiente e Química (Curitiba), Alimentos, Bebidas e Refrigeração Industrial (Toledo), Construção Civil (Ponta Grossa) e Tecnologia da Informação e Comunicação (Londrina). Já o Instituto Senai de Inovação (ISI) em Engenharia de Estruturas encontra-se em fase de elaboração de projeto para submissão ao BNDES ainda neste ano.

Todos os institutos atuam em rede. Isso significa que a indústria de qualquer localidade poderá acessar a instituição especializada para o atendimento das suas demandas a partir da unidade mais próxima.

O diretor regional do Senai no Paraná, Marco Secco, conta que os institutos são resultado de uma iniciativa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e do Senai nacional para impulsionar a competitividade da indústria. “O plano foi criado com o objetivo de implantar ações práticas que melhorem o desempenho do Brasil em tecnologia e inovação, em níveis globais. Se por um lado o Brasil ocupou no ano passado o 15º lugar no *ranking* mundial de publicação de documentos científicos, nosso país ocupava



em 2013 a 64ª posição no ranking de inovação, segundo o *Global Innovation Index*. Ou seja, de modo geral, o conhecimento gerado não vem se traduzindo em real agregação de valor na economia do país. O Senai no Paraná encampou essa iniciativa com o propósito de dar uma resposta assertiva ao parque industrial do Estado, como infraestrutura e capital intelectual especializados em diversas áreas aderentes aos segmentos industriais economicamente mais expressivos no Paraná”, explica o diretor.

Entre as atividades desenvolvidas pelos ISTs estão consultorias tecnológicas, consultorias em gestão, apoio laboratorial para prototipagem e plantas-piloto, ensaios laboratoriais e demais serviços metrológicos, ensaios investigativos, desenvolvimento tecnológico e pesquisa aplicada às indústrias dos diversos setores. “Cada instituto é um ambiente de contínua interação com o ecossistema de inovação local, e o resultado é a aceleração do fluxo de conhecimento científico e tecnológico orientado a resultados efetivos para o segmento industrial”, explica a gerente de Serviços Tecnológicos e Inovação do Senai Paraná, Sonia Regina Hierro Parolin.

DA IDEIA À IMPLANTAÇÃO

Os ISTs atuam para auxiliar empresas de todos os tamanhos, inclusive *startups*, com pacotes aderentes aos diferentes níveis e necessidades tecnológicas e de inovação, e em qualquer fase do processo. “A empresa pode procurar os institutos em qualquer etapa do projeto, desde a ideia inicial. Temos diversos mecanismos de apoio, como a definição da necessidade tecnológica, com pesquisas de apoio à decisão, prospecção de fomento e definição do projeto, em diversos níveis de complexidade”, afirma Sonia Parolin.

Além das instalações dos institutos e de toda a rede Senai, os ISTs contam com vários convênios, como parcerias efetivas com Institutos Senai de outros Estados, atuando em rede para o atendimento às empresas, além de parcerias com outros institutos e universidades locais. As parcerias também se dão em nível internacional como as realizadas com o Instituto Fraunhofer, da Alemanha, e o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). <<<



Institutos atuam em rede, permitindo que indústrias de qualquer localidade acessem a instituição especializada para o atendimento de suas demandas

A Faculdade da Indústria IEL
recebeu cinco turmas de
estudantes alemães no Paraná

PARCERIAS ENTRE O IEL E UNIVERSIDADE DE STEINBEIS AVANÇAM

26

Transformar a Faculdade da Indústria IEL em um "technology transfer center" da Universidade de Steinbeis, da Alemanha. Essa é uma das propostas da parceria feita entre as duas instituições e que segue um modelo que a universidade alemã mantém com outros países. Trata-se do ensino dual, uma metodologia que alia o conhecimento visto em sala de aula à resolução de demandas reais de empresas e indústrias. Ao longo dos cursos de graduação e especialização, os estudantes alemães desenvolvem projetos que resultam em soluções para as organizações.

"Os alunos que frequentam os cursos de Steinbeis estão envolvidos com projetos de empresas e, ao longo de sua formação, recebem orientações de professores e *coaching* para alcançar os resultados que as organizações esperam. Queremos essa metodologia para o nosso sistema de graduação e pós-graduação", conta o superintendente do IEL no Paraná, José Antonio Fares. Ele explica que o objetivo é promover também programas em

conjunto e encontrar soluções que auxiliem no aumento da competitividade do setor produtivo paranaense e brasileiro.

Além desta ação, a parceria também tem promovido a troca de conhecimentos entre profissionais e estudantes da Alemanha e do Brasil. A Faculdade da Indústria IEL, por meio da Escola de Negócios, já recebeu cinco turmas de estudantes alemães no Paraná e outros seis deverão vir ao Brasil no ano que vem. Os grupos fazem parte do Programa de Mestrado em Gestão Internacional de Steinbeis e ficam no Brasil durante três semanas para obter certificação na Especialização Gestão e Planejamento Empresarial pelo IEL. Nesse período, visitam indústrias e têm aulas sobre diversos temas, entre eles, cultura brasileira, gestão de negócios, *marketing*, agronegócios e inovação.

Ignat Kress integrou a quarta turma que veio para o Paraná. Para ele, conhecer as

Faculdade da
Indústria IEL
pretende implantar
metodologia
alemã que alia
teoria à resolução
de situações do
cotidiano das
empresas

empresas brasileiras mostrou outra visão dos negócios. “Foi muito interessante ver como são as empresas daqui, diferente quando comparamos com empresas na Alemanha. Enquanto lá temos processos de automação e produtividade fortes, aqui no Brasil as empresas também têm sua visão e missão baseadas na sustentabilidade”.

Angela Reisert foi outra estudante de Steinbeis que participou do intercâmbio. Para ela, foi uma oportunidade de expandir o ponto de vista sobre os aspectos internacionais que aprendem na universidade. “As palestras que tivemos sobre a economia e a política nos mostraram onde estão as oportunidades e as ameaças do Brasil. A maioria de nós trabalha em uma indústria internacional e este programa é muito importante, pois temos a chance de expandir nossos conhecimentos sobre as organizações nacionais da indústria, como o IEL”, diz.

BRASILEIROS NO EXTERIOR

No mês de agosto, Steinbeis recebeu a primeira turma de brasileiros, alunos do Programa de Pós-graduação LLM em Direito Empresarial Aplicado da IEL. “Com esse intercâmbio estamos criando uma interação entre as duas instituições de ensino. E o próximo passo será visitar as empresas e apresentar essa proposta para despertar o interesse em trabalhar esse modelo conosco”, afirma Fares.

O advogado Rômulo Augusto Araújo Bronzel integrou a equipe de estudantes de pós-graduação do IEL que esteve na Alemanha. Para ele, a experiência internacional foi muito válida. “Foi possível explorar a legislação estrangeira, especialmente da União Europeia, bem como traçar um comparativo teórico e prático com o arcabouço jurídico brasileiro, o que refletiu em uma experiência única no universo acadêmico, científico e cultural”, conta.

*Parceria tem promovido
a troca de experiências
e conhecimento entre
profissionais e estudantes
da Alemanha e do Brasil*

PRÓXIMOS PASSOS

Segundo Fares, a Faculdade da Indústria IEL está preparando todas as metodologias pedagógicas para atender exclusivamente ao setor produtivo, aplicando o ensino dual nos cursos ofertados. “Nosso objetivo é que a faculdade seja referência para a indústria e que proporcione, por meio do conhecimento, ações de melhorias e de inovação em todo o Paraná”, completa. <<<

SENAI PARANÁ FOI FUNDAMENTAL PARA SUCESSO DA WORLDSKILLS

Estado contribuiu com treinadores, competidores e na organização do evento

28

O Senai no Paraná teve papel fundamental no desempenho alcançado pelo Brasil na 43ª edição da *WorldSkills Competition* (WSC), maior competição de educação profissional do mundo. O Estado sediou o treinamento de cinco ocupações, participou com três competidores, treinou competidores de outros Estados e contribuiu com a organização do evento, que ocorreu em agosto em São Paulo.

De acordo com o delegado técnico do Senai no Paraná, Márcio Luiz Debner dos Santos, o destaque que o Estado teve nas últimas competições foi importante para que o Departamento Nacional convidasse técnicos paranaenses para ajudar a viabilizar o evento.

O trabalho realizado na etapa nacional da Olimpíada do Conhecimento 2014, referente à gestão de resíduos, é um exemplo disso. O Senai no Paraná recebeu o Troféu Onda Verde, que premia iniciativas sustentáveis, na categoria Tecnologias Socioambientais.

O reconhecimento habilitou o Senai no Paraná a realizar todo o projeto de sustentabilidade na WSC 2015. Uma equipe composta por nove colaboradores e coordenada pelo consultor na área de Meio Ambiente Elcio Herbst ficou responsável pelo planejamento, realização e

acompanhamento do empreendimento, que teve como base a ISO 20121, norma internacional de gestão para reduzir e eliminar os impactos negativos de grandes eventos.

Foram realizadas ações como gerenciamento de resíduos sólidos e neutralização da emissão de CO₂, além da apresentação de um projeto de sustentabilidade que pode trazer frutos para a participação na próxima edição da WSC, que acontecerá dentro de dois anos em Abu Dhabi.

Houve também a participação de profissionais paranaenses auxiliando na montagem e desmontagem do evento, atuando como guias dos visitantes internacionais, realizando *workshops*, gerenciando ações, realizando consultoria e integrando a equipe da alimentação.

Gerentes, coordenadores de Educação Profissional, docentes, entre outros profissionais, visitaram o evento para obter experiência e direcionar ações ao desempenho do Senai no Paraná na próxima Olimpíada do Conhecimento 2016 e na WSC de 2017.



TREINAMENTO

O Paraná contribuiu direta ou indiretamente na obtenção de 19 dos pontos conquistados pelo Senai Brasil, que ganhou 27 medalhas, sendo 11 de ouro, 10 de prata e 6 de bronze, como também 19 diplomas de excelência.

A unidade da Cidade Industrial de Curitiba foi sede do treinamento da Modelagem de Protótipos, categoria na qual o paranaense Alesson Roger Lopes conquistou o 7º lugar e diploma de excelência. No mesmo local aconteceu o treinamento do competidor do Rio Grande do Sul, Victor Bernardo, que ficou em 1º lugar em Tecnologia de Mídia Impressa.

Já a unidade de São José dos Pinhais foi sede do treinamento das três ocupações da área da madeira: Carpintaria de Telhados, Marcenaria de Móveis e Marcenaria de Estruturas, modalidade na qual Weslen Santana, de Minas Gerais, ganhou medalha de prata.

David Alves Ferreira, professor dos cursos na área de Construção Civil do Senai no Paraná, treinou em Brasília o competidor Weverton Silva, medalha de prata em Construção em Alvenaria.

“O treinamento foi intenso. Para obter esse resultado nós fizemos um planejamento das atividades e da execução, treinamos controle de tempo e estudamos conhecimentos teóricos, incluindo leitura e interpretação de projetos”, conta Ferreira.

Além de disponibilizar sua estrutura para treinamento e de ter *experts* preparando competidores, o docente do Senai de Ponta Grossa Everton Taques desenvolveu uma das provas aplicadas na ocupação Mecânica Industrial.

NOVA OCUPAÇÃO

Aquatronic, uma nova modalidade que envolve meio ambiente e automação industrial e deve se tornar uma ocupação oficial nas próximas edições, foi mais um destaque do Estado. Os paranaenses Edvin Garcia e Francine Bucco representaram o Brasil na modalidade e conquistaram medalha de ouro. Rodrigo Zawadzki, *expert* do Senai CIC que treinou a dupla, foi indicado para atuar como *chief expert* na próxima edição, caso *Aquatronic* se torne uma ocupação de demonstração. <<<

Alunos se preparam para prova de Aquatronic



Treinamento incluiu controle de tempo e conhecimentos teóricos como leitura e interpretação de projetos



A formação de tecnólogos já é uma realidade no país, mas os profissionais ainda precisam driblar a falta de informação sobre essa modalidade de graduação

O projetista e tecnólogo em
Fabricação Mecânica Bruno
Sales com o gerente de
Vendas da Fecial Indústria e
Comércio, Hermes Alka

A HORA E A VEZ DOS TECNÓLOGOS

Os cursos superiores de formação tecnológica no Brasil, nos últimos dez anos, vêm mantendo uma média anual de crescimento de 24%. O número de alunos matriculados nesse formato de educação superior já ultrapassa um milhão. Só na rede federal de ensino, houve uma

expansão de 171% nas matrículas. Os dados são do último Censo da Educação Superior, divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) em 2013. Mas por que essa opção de graduação tem se tornado tão atrativa? Por diversas razões.

A formação rápida está entre as principais vantagens do curso de graduação tecnológica – a duração varia de dois a três anos. Por essa característica, a formação é voltada à investigação, ao desenvolvimento e à aplicação prática de ferramentas da profissão. Ao final do curso, o aluno recebe o título de tecnólogo e com o diploma de nível superior pode, inclusive, ingressar em programas de pós-graduação *lato sensu* (especialização) e *stricto sensu* (mestrado e doutorado). O diploma também vale como comprovação de formação superior para prestar concursos públicos.

O redirecionamento profissional é outro benefício dessa modalidade de graduação. O perfil dos alunos de cursos de tecnologia é o de pessoas que já estão no mercado de trabalho, mas ainda não possuem diploma superior, ou de quem pretende mudar de carreira. Há também quem já tenha um curso técnico e queira se especializar na área de atuação. Atualmente, existem ofertas de cursos dos mais variados setores, como Produção Industrial, Segurança, Meio Ambiente e Saúde.

O Senai no Paraná, atento a essa realidade de mercado, iniciou em 2012 o processo de implantação de Faculdades de Tecnologia e, atualmente, conta com sete faculdades que ofertam cursos regulares em áreas estratégicas ao desenvolvimento da comunidade industrial paranaense. A primeira turma de tecnólogos concluiu os cursos pelo Senai em 2014, e quase a totalidade dos alunos termina o aprendizado com uma colocação no mercado, conforme afirma o coordenador de Educação Profissional do Senai, Edson Vander Lopes. “A maioria dos alunos já saiu do curso empregado. O mesmo ocorreu com os alunos que se formaram este ano”. Para o coordenador do curso de Tecnologia em Fabricação Mecânica, Jeferson Gil Furhmann, isso demonstra a qualidade da formação oferecida pelo Senai. “Muitos dos nossos alunos vêm dos cursos técnicos, e a graduação contribui para que eles alcancem melhores posições no mercado de trabalho”, afirma.

QUEBRA DE PARADIGMAS

Foi o que aconteceu com o projetista e tecnólogo em Fabricação Mecânica Bruno Sales. Ex-aluno do curso técnico do Senai, Bruno optou pela formação tecnológica atraído pelo tempo de graduação e pelo foco na prática. Ainda no período de estágio conseguiu uma colocação na Fecial Indústria e Comércio, onde trabalha até hoje. Para o gerente de Vendas da empresa, Hermes Alka, Bruno se encaixou no perfil de profissional que a indústria buscava, e sua formação atendeu perfeitamente às especificações da função que ele exerce.

Mas, apesar de o mercado parecer bastante promissor para os tecnólogos, ainda existe muita desinformação e até mesmo preconceito em relação a esses profissionais. Antes de ingressar na Fecial, Bruno participou de outros processos de seleção e sentiu resistência por parte das organizações que desconhecem a formação do tecnólogo. “O tratamento, em algumas situações, é desigual em relação aos engenheiros, e você precisa provar que tem o mesmo conhecimento”, conta Bruno. Outra situação conflitante é que algumas instituições de classe não reconhecem a formação do tecnólogo, e a graduação tecnológica não é contemplada em concursos públicos específicos.

Para a gerente de Educação Profissional e Tecnológica do Senai, Rosane Lara, a comunidade industrial precisa se atualizar sobre a qualidade da formação dos tecnólogos. “Quando comparamos a formação de um engenheiro, o tempo mais longo de curso concede ao profissional uma formação mais abrangente. Já o tecnólogo tem a sua formação focada em funções especializadas, e aí está o grande diferencial desses profissionais”, avalia. Para ela, essa resistência ainda é uma questão cultural no Brasil e só com muita informação é que os paradigmas serão modificados. Alka também defende que as instituições têm esse papel na informação. “Os empresários e a sociedade precisam conhecer melhor sobre a formação dos tecnólogos para reduzir essas diferenças”, avalia. >>>

Além dos cursos superiores de tecnologia, o Senai no Paraná também oferta diversos cursos de pós-graduação *lato sensu* em diferentes áreas do conhecimento. A analista técnica da gerência de Educação Profissional e Tecnológica, Carmen Gomes Pessoa, ressalta que há mais de 12 anos esse tipo de formação continuada é ofertado pela instituição. “Antes da implantação das Faculdades de Tecnologia, os cursos eram feitos em parceria com universidades e faculdades. Hoje temos condições de fazer as nossas próprias certificações”, explica. Com isso, ressalta Carmen, o Senai reforça a sua excelência em formação, que segue um Itinerário Formativo desde a formação inicial e continuada, passando pelos cursos técnicos, pelos superiores em tecnologia e pelos cursos de pós-graduação.

EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL

32 mil cursos de graduação distribuídos em 2,4 mil instituições de ensino superior - 302 públicas e 2 mil particulares

7,3 milhões de estudantes matriculados em instituições de ensino superior

No período de 2003 a 2013, o número de ingressantes em cursos de graduação tecnológica aumentou 76,4%

CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA OFERTADOS PELO SENAI NO PARANÁ

FACULDADE DE TECNOLOGIA

Fabricação Mecânica	Senai CIC
Automação Industrial	
Papel e Celulose	Senai Telêmaco Borba
Automação Industrial	
Controle de Obras	Senai Curitiba
Design de Moda	
Gestão da Produção Industrial	Senai Cascavel
Manutenção Industrial	
Alimentos	Senai Toledo
Controle de Obras	Senai Maringá
Fabricação Mecânica	Senai Londrina
Manutenção Industrial	

Fonte: Gerência de Educação Profissional e Tecnológica do Senai no Paraná

Os cursos tecnológicos respondem por 13,6% das matrículas na educação superior

Os dez cursos com maior número de matrículas concentram mais da metade da rede de educação superior no país

Os cursos de educação a distância equivalem a 15% das matrículas de graduação. Existem mais de 1,2 mil cursos nesse formato no Brasil <<<

Fonte: Censo da Educação Superior 2013 do Ministério da Educação



Programas de Ensino a Distância do Sesi aproximam estudantes da oportunidade de complementar a formação e obter qualificação profissional

EDUCAÇÃO

33

SEM FRONTEIRAS PARA A EDUCAÇÃO

Os programas de ensino a distância efetivados pelo Sesi no Paraná oferecem oportunidades para trabalhadores da indústria, familiares e comunidade completarem a educação formal, obterem qualificação profissional ou ampliarem os conhecimentos sobre diversos assuntos, fortalecendo e aproximando os alunos da educação e, conseqüentemente, dos desafios do mercado de trabalho.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a média de

escolaridade dos brasileiros com 25 anos ou mais é de 7,4 anos. No entanto, a exigência do mercado de trabalho por profissionais qualificados é cada vez maior, o que impele à busca por completar a educação.

“Essas pessoas geralmente enfrentam jornada de trabalho e/ou turnos diferenciados, o que ocasiona dificuldades para conseguir frequentar um curso presencial. Então, a educação a distância se torna uma excelente oportunidade”, explica a gerente de Educação do Sesi no Paraná, Regina Berbetz. »»

Regina comenta que a educação a distância vem crescendo rapidamente em todo o mundo. A utilização das novas tecnologias da informação e comunicação vem democratizando o acesso ao conhecimento, tornando a educação mais enriquecedora ao permitir checar informações rapidamente, poder consultar várias fontes, confrontar construtivamente conceitos, debater com professores e colegas as atividades propostas, transformando a sala de aula em espaços colaborativos.

Hoje, dos 9 mil estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) matriculados no Sesi no Paraná, a metade, ou seja, aproximadamente 4,5 mil, já optou pela modalidade a distância. Para Regina, as razões que explicam o crescimento são várias, entre elas a flexibilidade

da carga horária que proporciona ao aluno realizar a maior parte de seus estudos e pesquisas em tempo e locais diversos, além de poder manter seu convívio familiar e social. Ainda há a possibilidade da celeridade para a conclusão dos estudos – em média 24 meses para a realização dos anos finais do Ensino Fundamental e 18 meses para o Ensino Médio.

Além disso, outro diferencial é o custo. O programa é gratuito para os trabalhadores da indústria e seus dependentes e tem valor atrativo para a comunidade. O material didático é próprio e foi construído pelo Sesi no Paraná para atender especificamente este público, com exemplos práticos relacionados ao mundo do trabalho, o que proporciona uma compreensão mais significativa e um aluno mais motivado.



MAIS FLEXÍVEL, MAS NÃO MENOS EXIGENTE

Apesar da flexibilidade de poder realizar os estudos em qualquer lugar e a qualquer tempo, a modalidade não significa menos rigor ou menor qualidade de educação. “É uma modalidade que exige bastante disciplina do estudante, ele precisa cumprir suas atividades e pesquisas e manter-se conectado à ferramenta para aprimorar e enriquecer seus estudos”, afirma Regina Berbetz.

Todo o acompanhamento do estudante é feito por meio de tutores presenciais e a distância, através de espaço virtual construído para este fim, onde o aluno acessa os conteúdos, atividades e avaliações. Ele também participa de fóruns, onde é instigado a pesquisar e trocar conhecimentos com outros estudantes e tutores. O curso ainda conta com encontros presenciais semanais. >>>

VEJA QUAIS ÁREAS E CURSOS SÃO OFERTADOS PELO SESI NA MODALIDADE ENSINO A DISTÂNCIA

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
Para interessados em concluir os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, com encontros presenciais uma vez por semana e com o restante da carga horária cumprida virtualmente através da plataforma Sesi.

EDUCAÇÃO CONTINUADA

São mais de 100 opções de cursos com carga horária entre oito e 40 horas, realizados totalmente *online*, nas áreas de qualidade de vida, saúde, segurança, responsabilidade social, liderança, gestão, esporte, educação e cultura.

ENSINO SUPERIOR

Hoje já são ofertadas nove disciplinas dos cursos oferecidos pelas Faculdades da Indústria de São José dos Pinhais na modalidade a distância. Estão em estudo e processo de autorização cinco cursos superiores completos na modalidade, com 20% da carga presencial e o restante virtual, que devem entrar em funcionamento em 2016.

Para informações sobre os cursos acesse:

www.sistemapiep.org.br/ead



Dos 9 mil estudantes da Educação de Jovens e Adultos matriculados no Sesi no Paraná, a metade já optou pela modalidade a distância

“Estes encontros são fundamentais para o auxílio de suas dificuldades e revisões. Outro ponto fundamental é que eles promovem a socialização entre os alunos e tutores, essencial para a motivação e conclusão dos estudos. Afinal, aprende-se também com os pares. Todos se ajudam para superar os desafios e dificuldades, mantendo elevada a qualidade do curso”, explica Raphael Hardy Fioravanti, coordenador do Núcleo de Educação a Distância do Sistema Fiep.

Essa qualidade do ensino foi percebida pela estudante de Ensino Médio Sônia Maria Pallasson, que frequenta a unidade do Sesi em Foz do Iguaçu. Aos 52 anos e desde 1983 sem ir à escola, ela viu na educação a distância a oportunidade para completar os estudos e seguir rumo à faculdade de Medicina Veterinária, um sonho que planeja realizar nos próximos anos. “Eu tentei retornar várias vezes, mas não conseguia. Até que minha filha, que estuda no Sesi, me falou sobre o ensino a distância. Tem sido maravilhoso, com professores dedicados”, afirma.

O mesmo entusiasmo é visto de forma multiplicada pela instrutora de treinamentos das Indústrias Mascarello, que fabrica ônibus e

carrocerias, e da Comil Silos e Secadores, Patrícia Claro de Oliveira. As empresas do mesmo grupo, com sede em Cascavel, contam com quatro turmas de educação a distância, somando 55 alunos. As aulas são oferecidas nas dependências da própria companhia.

A instrutora conta que cresceu a necessidade de estimular os profissionais a ampliarem a escolaridade, principalmente a partir da implantação da certificação de qualidade ISO na indústria. “Os trabalhadores precisavam de um determinado nível de educação formal para assumir certos cargos, mas era difícil em função da distância, pois temos funcionários que moram em cidades vizinhas, e também com outros compromissos, como os familiares”, explica.

Assim, foi possível oferecer como alternativa a modalidade EAD, com parte presencial dentro da própria empresa, conforme comenta Patrícia. “Aqui eles podem estudar antes ou após o expediente e recebem lanche e auxílio para transporte quando o horário não permite utilizar os veículos já mantidos pela indústria. Os trabalhadores ficaram muito satisfeitos, tanto quanto ao formato e carga horária das aulas como com a possibilidade de crescer na empresa”, completa. <<<



FORMANDO CIDADÃOS CONECTADOS COM O MUNDO

Colégio Sesi Internacional ganha mais três unidades que serão instaladas em Cascavel, Londrina e Maringá. Escolas bilíngues formarão com foco na liderança, criatividade e fluência total em inglês

O Colégio Sesi Internacional terá novas escolas em Cascavel, Londrina e Maringá a partir de 2016. As novas unidades irão se unir à instalada em Curitiba, que começou a funcionar em 2014, e à de Ponta Grossa, em funcionamento desde o início deste ano. Nestas unidades bilíngues da rede, além da carga horária estendida de inglês, metade das disciplinas é ministrada integralmente nesse idioma, e o uso da língua é estimulado de diversas formas.

De acordo com a gerente de Operações Inovadoras do Colégio Sesi, Lilian Luitz, essa expansão da rede busca atender a uma demanda de mercado, uma vez que as indústrias necessitam de profissionais com competências diferenciadas, entre elas a proficiência da língua inglesa.

“Há uma busca intensa por esses profissionais, e o mercado ainda não consegue entregá-los. Principalmente pessoas que além de dominar a língua sejam criativas, empreendedoras e com capacidade de trabalho em equipe”, comenta. “Essa atuação no mundo global está cada vez mais evidente. Programas como o Ciência Sem Fronteiras, do Governo Federal, são oportunidades que dependem totalmente da proficiência no idioma”, alerta.

Expansão da rede busca atender a uma demanda de mercado: profissionais com competências diferenciadas, entre elas a proficiência da língua inglesa

E esta demanda, que já é intensa, deve crescer. Segundo o gerente de Fomento e Desenvolvimento da Fiep, Marcelo Percicotti, apenas o setor agroindustrial deve dobrar de tamanho nos próximos dez anos. “É um setor que apresenta elevado

índice de empregabilidade e que tem a maior parte de sua atividade voltada para o comércio exterior, com grande impacto nessas regiões. São indústrias que estão carentes e que vão precisar cada vez mais destes profissionais”, prevê.

Além da indústria de alimentos e bebidas, os setores metalmeccânico e de tecnologia da informação e comunicação são outros exemplos de indústrias fortemente baseadas nestas cidades-polo e que dependem de profissionais capacitados para atuar em inglês, acrescenta Percicotti. “Nós temos indústrias que fazem negócios com mais de 100 países e que demandam esse conhecimento”, comenta.

Para se ter uma ideia do tamanho do crescimento das exportações das indústrias paranaenses nos últimos dez anos, em 2004 as empresas em Cascavel exportaram cerca de US\$ 81,5 milhões em produtos. Em 2014, dez anos depois, esse valor era de US\$ 435,6 milhões. Em Maringá, esses números passaram de US\$ 519 milhões para US\$ 2,5 bilhões nesta década. Londrina viu a mesma evolução, praticamente triplicando as exportações no mesmo período, passando de US\$ 219 milhões para US\$ 781 milhões. “Isso para se falar apenas em vendas ao exterior, há todo um processo de importação de produtos, de troca de informações e de desenvolvimento de tecnologia que está sendo realizado de modo global pelas indústrias desta região e que demandam o uso da língua inglesa”, acrescenta o gerente de Economia, Fomento e Desenvolvimento da Fiep.

Nesse contexto, Lilian Luitz também alerta que as características destes profissionais do futuro vão além do conhecimento do idioma. “Não basta saber

Estudantes têm vivência internacional com imersão não só na língua inglesa, mas também nas questões culturais que envolvem o idioma



apenas inglês, é preciso atuar bem com ele. No Colégio Sesi, os alunos passam por situações como a apresentação de trabalhos, precisam negociar prazos com os professores, dividir as tarefas, elaborar projetos, o que irá prepará-los para realizar apresentações corporativas, negociações e em diversas outras situações que exigem o uso do idioma e compreensão da cultura internacional de forma mais profunda”, explica.

Renata Virgínia Moura, coordenadora de Educação do Sesi Maringá, também destaca este aspecto como uma das vantagens proporcionadas pela vivência acadêmica nas unidades bilíngues. “Além de o aluno estar o dia todo no colégio, o que propicia maior preparação para o Enem e vestibulares, ele tem um ganho cultural muito grande, uma vez que estará em contato com a realidade, cultura e economia de vários países do mundo, ampliando e

oferecendo uma visão sistêmica ao estudante, que vai muito além do aprendizado da língua. Somam-se a isso os conceitos de empreendedorismo, inovação e sustentabilidade que fazem parte da missão do Colégio Sesi para uma formação integral”, comenta.

PREPARAÇÃO PARA O MUNDO E PARA A VIDA

Para os alunos destas unidades, o período escolar se torna uma verdadeira vivência internacional, com imersão não só na língua, mas também nas questões culturais. Se junta a essa experiência o ensino de qualidade com uma metodologia inovadora já aplicada em toda a rede de Colégios Sesi, que tem foco na preparação do aluno para a vida.

O método de ensino utilizado pela rede baseia-se nas oficinas de aprendizagem, um jeito de ensinar diferente. Nessa metodologia, os >>>



Maringá, um dos municípios que receberá uma unidade do Colégio Sesi Internacional, aumentou suas exportações de US\$ 519 milhões para US\$ 2,5 bilhões em dez anos

alunos trabalham de modo interssериado, ou seja, cada turma conta com estudantes do primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio. Eles são reunidos em equipes e trabalham com desafios formativos, com o conhecimento integrado, convergindo todas as disciplinas.

O conhecimento é obtido de modo significativo, por meio da observação e da experimentação, com conteúdos contextualizados à realidade do estudante, complementados por filmes, leituras e aulas de campo. O professor atua nesse contexto como orientador e mediador do processo de aprendizado.

No Colégio Sesi Internacional, as disciplinas complementares e atividades são totalmente desenvolvidas em inglês. No entanto, o aluno não precisa ter o domínio da língua para iniciar os estudos na instituição. O idioma é trabalhado de modo paralelo, em aulas especiais conhecidas como "Language Lab". A cada ano letivo o estudante realiza um exame internacional, o TOEFL Junior, para verificar a evolução do conhecimento. Ao final da formação, ele irá realizar o exame ofertado pela Universidade de Cambridge, que concede certificado de proficiência no idioma aceito em qualquer lugar do mundo.

TECNOLOGIA E INTERCÂMBIO

Na rede, no entanto, o conhecimento do idioma vai muito além da formação escolar. Os estudantes têm contato com profissionais de diferentes segmentos oriundos de outros países, que dão palestras e aulas, como no projeto Conexão Mundo, que possibilitou aos alunos das unidades do Colégio Sesi Internacional e de outras escolas da rede a aprenderem inglês com *coaches* americanos por um período de seis meses utilizando as redes sociais, como o Facebook e o Google Hangouts, e de forma presencial, com a visita destes profissionais às unidades.

O uso do idioma está, portanto, ligado de forma muito próxima ao desenvolvimento da tecnologia e inovação, um dos pilares do Colégio Sesi. A aplicação do Colégio Internacional neste conceito é tão grande, que levou a unidade instalada em Curitiba a receber da Microsoft em 2014 um prêmio global pelo uso inovador de tecnologias para transformar e personalizar o ensino. A instituição foi uma entre 120 escolas reconhecidas em todo o mundo pela empresa. Toda a experiência, conhecimento e aprimoramento que serão agora replicados nas novas unidades. <<



Na quinta edição do selo ODM, 187 instituições foram certificadas de um total de 208 inscritas

PARANÁ MOBILIZADO PELO DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO

Reconhecimento do Sesi a projetos que contribuem para atingir metas da ONU cresceu mais de 70% em cinco anos

“É a confirmação de que estamos no caminho certo”. Assim, a coordenadora do Instituto Atsushi e Kimiko Yoshii de Promoção à Cidadania, de Londrina, Larissa Squizzato de Campos, avalia a importância de a entidade receber, pelo quinto ano consecutivo, o Selo Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). A certificação é destinada a empresas e instituições públicas e do terceiro setor que realizam projetos que contribuem para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e que também tenham repercussão na comunidade. O Selo é uma iniciativa do Sesi no Paraná, com o apoio do Movimento Nós Podemos

Paraná, que atua para mobilizar a sociedade em torno de ações voltadas para o alcance dos ODM. Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio são proposições definidas pela Organização das Nações Unidas (ONU), que têm a adesão de 191 países e envolvem objetivos como eliminar a fome e a extrema pobreza, ampliar o acesso à educação, igualdade de gênero, acesso à saúde e proteção do meio ambiente.

Nesta quinta edição do Selo ODM, 187 instituições foram certificadas – de um total de 208 inscritas. Esse número é 71,5% maior que o registrado na »»

primeira edição, quando 109 receberam o selo. Isso demonstra que as organizações estão percebendo a importância da certificação para os seus projetos como forma de reconhecimento e visibilidade. E o mais importante é o engajamento da sociedade com os ODM. O aumento na procura pelas certificações demonstra que as instituições estão cada vez mais interessadas em se envolver em ações e projetos que realmente façam a diferença e contribuam para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, seja por meio da melhoria na qualidade de vida das pessoas e do meio ambiente, na geração de renda ou na promoção da saúde.

Por meio do projeto “Criando Arte”, o Instituto Atsushi e Kimiko Yoshii, que é mantido pela Yoshii Engenharia, envolve a comunidade em ações de reaproveitamento de sobras da construção civil e resíduos domésticos. De acordo com Larissa Campos, a instituição oferece cursos regulares de artesanato onde são ensinadas técnicas de reciclagem, através das quais são trabalhadas a capacitação profissional, sustentabilidade e geração de renda. Desde que o projeto começou, em 2007, já passaram pelos cursos cerca de 800 mulheres.

EDUCAÇÃO E CULTURA

Outro exemplo positivo é o da Usina de Açúcar Santa Terezinha, que teve dois projetos inscritos na 5ª Edição do Selo ODM. O “Semeando o Verde” envolve alunos do Ensino Fundamental de escolas da rede pública de 15 municípios do Paraná e um do Mato Grosso do Sul com a proposta de estimular a consciência da preservação do meio ambiente. Em dez anos, a iniciativa atingiu 12 mil alunos em ações como plantio de árvores, recuperação de matas ciliares, palestras, apresentações teatrais

e concursos de redação. Já com o projeto “Atletismo”, a empresa estimula a melhoria da qualidade de vida dos colaboradores, dependentes e comunidade local por meio da promoção e incentivo na participação de corridas de rua. A analista de Recursos Humanos da Usina, Solange Gil de Azevedo, diz que a certificação colabora as metas da empresa de ser “sustentável e parceira da comunidade e do meio onde está inserida”.

Quem também recebeu duas certificações foi o Instituto Prosdócimo Guerra e Theóphilo Petrycoski, de Pato Branco. Com projetos de continuidade, a entidade oferece cursos gratuitos de musicalização para alunos de 07 a 17 anos. O resultado desse trabalho foi a criação de uma orquestra formada por jovens estudantes. Outra iniciativa reconhecida do Instituto – fundado pela Atlas Eletrodomésticos e Sementes Guerra – foram as atividades de teatro e circo desenvolvidas em hospitais e casas lares da cidade. A coordenadora dos projetos, Karime Clariane Redivo, ressalta que o selo, além de confirmar que a instituição está comprometida com os ODM, serve como um estímulo para dar continuidade e ampliar as ações.

Em Paranaguá, o esporte foi escolhido como forma de trabalhar o valor da pessoa dentro do projeto “Futebol e Educação Entram em Campo”, desenvolvido pela unidade da BRF no município. O projeto inscrito para o Selo ODM envolve jovens moradores das comunidades instaladas no entorno da unidade fabril que, juntamente com as atividades esportivas, recebem informações sobre cidadania e respeito ao próximo. A analista de Recursos Humanos da BRF, Marize Costa do Nascimento, afirma que com a iniciativa a empresa busca resgatar a história de valor de cada pessoa.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL É O NOVO DESAFIO

Com o encerramento dos ODM em 2015, os países terão agora uma nova agenda global definida na Assembleia Geral da ONU: os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). São 17 objetivos e 169 metas, considerando o desenvolvimento em suas dimensões econômica, social e ambiental, tendo como eixos: planeta, pessoas, dignidade, prosperidade, justiça e parcerias. Baseado na experiência de duas décadas de prática de desenvolvimento, o objetivo é que até 2030 os países acabem com a pobreza, transformando vidas e sem deixar de proteger o planeta.

A expectativa é de que no Paraná os resultados para essas novas metas sejam tão bons quanto os já atingidos para os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio até agora. O Estado se destacou, por exemplo, na redução do percentual da população em situação de pobreza, que passou de 19,6% no ano de 2000, para 7,3%, ficando em segundo lugar entre os dez Estados brasileiros com melhor desempenho.

Outra conquista foi em relação ao acesso à água potável. Hoje, dos 399 municípios paranaenses, 357 já atingiram ou estão prestes a atingir a meta.

Quase 99% do Estado contam com acesso à água e saneamento.

A educação também teve avanços. Atualmente, perto de 95% das crianças de 7 a 14 anos frequentam o Ensino Fundamental e 61,5% dos jovens de 15 a 17 anos, o Ensino Médio. No entanto, nesse quesito, ainda há um grande desafio, como avalia a coordenadora do Observatório de Indicadores do Desenvolvimento do Sesi no Paraná, Diva Irene da Paz Vieira: aumentar o número de jovens que concluam o Ensino Fundamental. “Nós avançamos bastante, pois em 1990 apenas 24% dos jovens concluíam esse nível e hoje são quase 73%. No entanto, sabemos que isso pode melhorar e é uma meta altamente desafiadora”, disse Diva.

Em relação à mortalidade infantil em menores de 5 anos, o Paraná está entre os três Estados com a melhor taxa. São 12,7 mortes por mil nascidos vivos, sendo que em países desenvolvidos esse índice é sempre inferior a 10. Já a mortalidade materna caiu 30% no Estado, sendo registrados 39 óbitos para cada 100 mil nascidos vivos (2013), enquanto o aceitável para o país seria, no máximo, 35 mortes. Ainda existem outros desafios a serem vencidos, como diminuir a

desigualdade de remuneração entre homens e mulheres e interromper e reduzir o registro de novos casos de HIV. No Brasil, houve um aumento de 11% no número de novos casos da doença. ««

Solange Gil de Azevedo (à direita), analista de RH da Usina Santa Terezinha, recebe Selo ODM de representantes do Sistema Fiep



Após lançamento, o Sesi permaneceu como orientador para incluir as diretrizes de sustentabilidade no planejamento estratégico da Radiante



EQUILÍBRIO FINANCEIRO, SOCIAL E AMBIENTAL

Sesi no Paraná presta consultoria para indústrias em modelos de gestão mais sustentáveis e Relatórios de Sustentabilidade

A sustentabilidade, tema que recentemente aparecia de forma tímida nas discussões e projetos, hoje é uma das molas propulsoras do novo tempo da indústria paranaense. Não dá para pensar em uma empresa moderna sem pensar em sustentabilidade com sua abrangência mais ampla: a busca por um negócio com equidade social e equilíbrio ambiental e financeiro. Essas dimensões, intrinsicamente ligadas, têm levado as empresas a repensar a forma de planejar seus rumos, definindo estratégias a partir de novos conceitos.

Foi com esse foco que a Radiante Engenharia de Telecomunicações, com sede em Curitiba, se tornou a primeira prestadora brasileira de serviços de comunicações para operadoras de telefonia a ter um Relatório de Sustentabilidade baseado nas diretrizes internacionais da *Global Reporting Initiative (GRI)*. Com a consultoria do Sesi no Paraná, o Relatório, que atende aos indicadores da mais nova versão das diretrizes (G4), vem sendo utilizado tanto como relato que sistematiza resultados e dialoga com os *stakeholders* da empresa, quanto como referência para o planejamento estratégico considerando os indicadores de maior impacto para a empresa.

Marilua Feitoza, coordenadora de Marketing e Sustentabilidade da Radiante, explica que eles foram além do relatório. Entre outras iniciativas, foi criada a Ouvidoria e o Comitê de Ética, canais de diálogo para receber e orientar demandas internas e externas de funcionários, fornecedores e clientes; foram promovidos treinamentos junto aos colaboradores sobre temas como direitos humanos, meio ambiente, saúde e segurança no trabalho, qualidade de vida e cultura da empresa; e foi criado o Radiante

Ambiental, programa que faz gestão e melhoria de todos os processos voltados ao meio ambiente.

O Sesi no Paraná prestou a consultoria para o desenvolvimento do relatório, com o uso das suas metodologias, a partir da criação de um Comitê de Sustentabilidade e oferecendo suporte para planejamento, implantação e ajuste de procedimentos para atender aos indicadores do GRI. “Muito mais que melhorar o diálogo com os *stakeholders*, o Relatório de Sustentabilidade é um processo de aprendizagem que abrange toda a organização, abrindo espaços para o diálogo e para a adoção de práticas e soluções sustentáveis”, afirma José Antonio Fares, superintendente do Sesi no Paraná.

Segundo Renata Fagundes Cunha, consultora técnica de Negócios do Sesi no Paraná, “o relatório de sustentabilidade no modelo GRI é a melhor maneira de compreender e medir a extensão dos impactos sociais, econômicos e ambientais resultantes da produção”.

Sonia Beraldi de Magalhães, gerente de Responsabilidade Social do Sesi no Paraná, explica que a consultoria em Responsabilidade Social orienta para a gestão responsável das empresas atendendo à agenda de sustentabilidade amparada nas dimensões financeira, social e ambiental. Com o uso de ferramentas e metodologias, introduz a sustentabilidade na estratégia de gestão das empresas contribuindo para a sua competitividade e permanência no mercado. Nesse portfólio estão a pesquisa e gestão do clima organizacional, a gestão e estratégias para a sustentabilidade, projetos e gestão do investimento social privado, a inclusão da pessoa com deficiência e a equidade de gênero na indústria, certificação na Norma SA8000 e os relatórios de gestão sustentável. <<<



INOVAÇÃO É O SEGREDO PARA SOBREVIVER À CRISE NO SETOR MOVELEIRO

“Quem Mexeu no meu Móvel?” Esse foi o tema principal da sexta edição do Congresso Moveleiro, realizado nos dias 16 e 17 de setembro com a participação de empresários e produtores da cadeia produtiva moveleira. O tema foi inspirado no livro “Quem Mexeu no Meu Queijo?”, de Spencer Johnson, que mostra como reagir nos momentos de crise e lidar com mudanças, justamente o que a indústria moveleira vem enfrentando com a dificuldade de vendas, os altos preços das matérias-primas importadas e o aumento de devedores. “É um momento de depuração no mercado, de novas formas de pensar e de produzir”, relata Aurélio Sant’Anna, coordenador do Conselho Setorial da Indústria Moveleira da Fiep. “No evento os empresários tiveram acesso a informações atualizadas, vindas de especialistas

renomados. Numa crise, informação com esta qualidade é a matéria-prima para a tomada de decisões”, aponta.

Segundo o coordenador da Fiep, vivemos um período no qual será preciso encarar os desafios presentes e futuros com seriedade. “Cada empresa tem que encontrar o seu caminho. Crescimento no cenário atual no setor moveleiro pode estar associado a oportunidades no mercado externo ou a oportunidades criadas por reposicionamentos internos. Discernir sobre os novos caminhos exige estar bem informado”, destaca Sant’Anna.

Os especialistas que participaram do Congresso concordam que as empresas devem oferecer um diferencial para os



O tema norteou o 6º Congresso Moveleiro, organizado pela Federação das Indústrias do Paraná no mês de setembro

consumidores. Para tanto, o mercado moveleiro tem que vislumbrar novas tendências e buscar maneiras de melhorar os serviços e aprimorar a mão de obra.

As orientações são pertinentes, já que o cenário para esse segmento exige cautela. O mercado parou de crescer no ano passado, situação que deve se agravar em 2015. É isso o que afirma o economista Marcelo Villin Prado, sócio-diretor do Instituto de Estudos e Marketing Industrial (Iemi). Com mais de 25 anos de experiência no desenvolvimento de projetos de pesquisa e assessoria mercadológica, Prado apresentou durante o Congresso as tendências do mercado

moveleiro. “Quando o mercado para de crescer, a empresa é a responsável por reagir e retomar esse crescimento”, destaca.

Segundo o economista, há sim boas oportunidades. “Alguns nichos têm resultados positivos. Cabe à empresa identificá-los.

A inovação é a melhor alternativa. Se você for sempre o mesmo, sem nenhuma novidade, acaba brigando por preço, e o consumidor, que já está retraído, provavelmente vai adiar essa compra”, explica Prado. >>>



Para o economista Marcelo Prado, as empresas precisam identificar novos nichos



*Diretor Comercial da Microban,
Renato Bernardo de Souza
apresentou ao público
do Congresso o conceito
antimicrobiano*

Dentre os destaques do congresso, que tem abrangência nacional, estava a “Casa Virtual”, onde foi possível navegar em um ambiente com móveis; o espaço da “Mostra Design para Todos”, com uma exposição de móveis inclusivos; e o Prêmio Top Móbile 2015, coordenado pela revista Móbile

O especialista lembra que, apesar de uma queda na quantidade de dinheiro circulando na economia, ainda há espaço para brigar por mercados. Em um momento como este, é preciso criar nos consumidores a identificação com os produtos. Por isso, os empresários devem apostar cada vez mais em segmentação.

Se mudanças são necessárias, manter o otimismo é essencial. “Prefiro pensar que 2015 é um ano para fazer diferente, que é um ano para sobreviver. E finalmente, prefiro pensar que para os sobreviventes novas oportunidades se mostrarão”, conclui Aurélio.

TENDÊNCIAS

Uma das novidades desta sexta edição do Congresso foi a participação de “trendhunters”, os caçadores de tendências. Dentro do tema principal que norteou o evento, foram abordadas as macrotendências que orientam o consumo, novos materiais e novos usos, desafios e oportunidades da indústria moveleira, design para todos e o conceito antimicrobiano.

O conceito antimicrobiano foi o tema que Renato Bernardo de Souza, diretor Comercial da Microban, apresentou ao público. “A proteção antimicrobiana faz com que o produto ganhe uma característica

A designer Cristina Miran
buscou sensibilizar os
empresários e designers no
que diz respeito à demanda
por móveis inclusivos



de maior durabilidade. A proteção impede o crescimento de bactérias e bolor, aumentando a vida útil do produto”, explicou. A proteção é útil em áreas de grande umidade como rejuntamentos, bem como em armários, paredes, teto, móveis, carpetes e em locais de maior umidade natural. Além disso, superfícies e móveis protegidos contra bolor, manchas e incrustações bacterianas ficam com a aparência de novos por muito mais tempo.

Já Cristiana Miranda, mestre em Design e sócia da Shargal Estratégia + Design, na palestra “Design para todos: do produto à estratégia empresarial”, procurou sensibilizar os empresários e *designers* no que diz respeito à demanda por móveis inclusivos, aqueles criados para

pessoas com deficiência. “É preciso desmistificar o conceito de que quem tem alguma limitação física e/ou cognitiva só pode ser atendido com móveis sob medida. O *design* é para todos”, destacou Cristiana. “Há uma série de benefícios que o *design* pode levar a uma indústria. Ele pode atuar em conjunto com outros setores da empresa, como os Recursos Humanos, Logística e *Marketing*, mas para isso ele precisa ser visto com novos olhos. Afinal, o *design* tem um papel muito maior do que ‘embelezar’”, concluiu. <<<

50

COM O DNA DO PARANÁ

O ID Fashion,
iniciativa da Fiep,
inova ao promover
a interação com o
público consumidor

“Experimente!”. Com esse mote, a Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), por meio do Conselho Setorial da Indústria do Vestuário do Paraná, inova ao retomar a realização de um evento para dar visibilidade à moda paranaense. O ID Fashion, realizado em outubro, vem com o propósito de mostrar a moda produzida no Paraná com identidade própria. E, o mais inovador, é a proposta de estabelecer um contato direto com o público consumidor.

Durante os dois dias da primeira edição do ID Fashion, 2,3 mil pessoas passaram pelo Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, para conferir as 17 marcas que apresentaram suas coleções Outono/Inverno 2016. O sucesso deve garantir a continuidade da iniciativa com uma segunda edição para outubro do ano que vem.

“O ID Fashion é a oportunidade para as indústrias apresentarem aos participantes a identidade da moda paranaense, o que a indústria faz de mais

diferente e de mais inovador, afirma Luciana Bechara, coordenadora do Conselho Setorial da Indústria Têxtil e do Vestuário da Fiep. O mais importante, no entanto, segundo ela, é o ID trazer o que as semanas tradicionais de moda não trazem, que é o público.

O industrial do setor de confecções, Adilson Filipaki, também destaca a aproximação com o consumidor como diferencial do evento. “A proposta do ID Fashion é totalmente democrática”, diz. Para ele, a aproximação com o público final é uma grande oportunidade que o ID Fashion proporciona ao empresário da moda.

Para o diretor do Senai no Paraná, Marco Secco, a realização deste evento mostra ainda mais a força do segmento, que é o segundo maior empregador da indústria paranaense. Ele lembra também que o Senai tem uma participação importante formando profissionais para esta área.

A indústria têxtil e do vestuário é um dos principais setores da economia do Paraná. É o segundo setor industrial que mais emprega, ficando atrás apenas do setor de alimentos. São 84.154 trabalhadores em 6.059 indústrias, de acordo com os dados do Departamento Econômico da Fiep. A grande maioria, cerca de 96%, é indústria de micro e pequeno porte. »»

O SETOR EM NÚMEROS

6.000 indústrias

85 mil trabalhadores

96% de micro e pequeno porte

2º maior empregador do setor industrial do Paraná

(*) Números da indústria têxtil e do vestuário no Paraná | Fonte: Departamento Econômico da Fiep



NA PASSARELA

Desfiles mais minimalistas também estiveram na proposta de inovação do ID Fashion. Sete marcas foram selecionadas por uma curadoria especializada para participar no line-up da primeira edição: Abbici, Leveza do Ser, NovoLouvre, Ovelha Negra+Velvet Underwear, Six One, Stoooge e Vale da Seda.

As marcas apresentaram suas coleções em uma passarela que impressionou o público. Projetado pela arquiteta Ana Cris Willerding e pelo diretor artístico Daniel Sorrentino, o espaço aberto estava integrado à natureza e desenhado para que todos ocupassem a primeira fila.

MUITO ALÉM DOS DESFILES

Mais que promover desfiles, o ID Fashion trouxe à tona a discussão sobre novos conceitos e novas temáticas presentes no universo da moda. Entre eles o slow fashion, a moda atemporal composta por peças feitas a mão e duráveis. E promoveu atividades de interação com o público, como o User Experience, ação que permitiu aos consumidores entenderem o processo de criação e produção da indústria da moda.

Outra forma de interação com o público foi o Living Lab – Laboratório Vivo de Moda, uma grande exposição, na qual as marcas apresentam suas coleções. O objetivo foi promover o intercâmbio com o consumidor final e os profissionais do setor. Participam dessa dinâmica as marcas Abbici, Andressa Castro, Be Little, By Gabriely, Feito a Mãe, Jacu, Jhennifer Breenstup, Fio Natural e Kenusa, Miss Nuvem, Noiga, Ovelha Negra+Velvet Underwear, Stoooge, Suelli Zavvadinack e Vale da Seda. ««

Saiba mais sobre
o ID Fashion acessando:
www.idfashionpr.com.br

DIVERSIDADE QUE GERA INOVAÇÃO E HARMONIA

GESTÃO DE PESSOAS

53

Joice Biermayr foi a primeira engenheira a atuar na Volvo e primeira a tirar carteira de habilitação para dirigir caminhões na fábrica da Volvo

Bons exemplos de adoção de práticas de inclusão e respeito às diferenças começam a ser realidade nas indústrias paranaenses

Diversidade humana, em qualquer sociedade, significa riqueza. Riqueza de ideias, sentimentos, sensações, cultura, inovação e criatividade. Um segmento que pode ter grande vantagem competitiva nesse quesito é o empresarial, e, dentro deste, as indústrias, que têm grandes contingentes em sua força de trabalho.

Grandes empresas como Volvo e Itaipu Binacional – só para ficar em dois exemplos significativos – sabem da importância da valorização das pessoas e da diversidade dentro e fora de suas dependências.

Na Volvo do Brasil, sediada em Curitiba, a busca é por uma atmosfera de diálogo constante, respeito e acesso facilitado às lideranças. Rubens Cieslak, especialista em Educação Corporativa da empresa, diz que a Volvo tem uma Diretoria Global de Diversidade, que desdobra suas políticas para as filiais em todo o mundo. Uma das ações mais significativas é a capacitação de pessoas para se tornarem "lideranças inclusivas". Além da capacitação continuada, a organização realiza anualmente uma Semana da Diversidade para que as lideranças troquem ideias e experiências. >>>

Ele cita também o programa "Diversidade que Fortalece", criado em 2000, importante para a inclusão de pessoas com deficiência. Mas, segundo o especialista, a organização esbarrou na necessidade de promover uma inclusão mais efetiva e, em 2006, passou a oferecer, em uma parceria com o Senai e a Unilehu (Universidade Livre para a Eficiência Humana), um pioneiro curso de formação para montadores de veículos pesados focado em pessoas com deficiência.

Na questão de gênero, a Volvo do Brasil tem 15% de mulheres em seu quadro, e 18% delas estão em cargos de liderança. A empresa, porém, quer ampliar esses números. Nas seleções há obrigatoriedade de sempre haver mulheres entre os candidatos, e no comitê de avaliação, também. Para Cieslak, a questão passa além dos aspectos de contratação e equiparação salarial. Benefícios também valem muito nessa hora, como seis meses de licença-maternidade e outros seis meses para a mãe ficar trabalhando em casa, em sistema de "home-office".

Joice Biermayr, formada em Engenharia Industrial Eletrotécnica, é um exemplo desse pioneirismo da Volvo, onde entrou como estagiária em 1994 na área de Engenharia de Produção. Sempre trabalhando no segmento de caminhões, ela foi a primeira engenheira a atuar dentro da fábrica, primeira a trabalhar na Engenharia de Produção, primeira a tirar carteira de habilitação para dirigir caminhões, primeira engenheira de testes de campo e primeira coordenadora na área de Engenharia. "Ter um quadro diverso de funcionários traz valor ao negócio, na Volvo isso sempre foi muito estimulado. Mas acho que, de forma geral na sociedade, ainda temos que evoluir. A gente ainda percebe muito impacto

quando mulheres se destacam em ambientes prioritariamente masculinos", exemplifica.

MUITA ENERGIA

Na Itaipu Binacional, a busca pela diversidade sempre teve seu espaço. Por exemplo, desde 1978 a empresa já dava espaço para jovens aprendizes, muito antes de o conceito ser amplamente adotado. Heloísa Covolan, coordenadora de Responsabilidade Social do lado brasileiro, explica que desde 2003 a empresa tem um programa estruturado de Incentivo à Equidade de Gênero com caráter binacional (válido também para o lado paraguaio). Um comitê tem objetivo de ampliar a participação das mulheres, que hoje ocupam 18% do quadro funcional.

No lado brasileiro, uma Ouvidoria foi criada em 2010 para justamente receber *feedbacks* sobre diversos assuntos, dentre eles a diversidade.

Para o especialista em Educação Corporativa da Volvo, Rubens Cieslak, uma das ações mais significativas da indústria é a capacitação de pessoas para se tornarem lideranças inclusivas



Foto: Volvo / Divulgação



Para Cintia Sena Duarte, que trabalha na Itaipu Binacional, a empresa é exemplo no estímulo à diversidade

E há um grupo de trabalho específico para tratar das questões ligadas às pessoas com deficiência, que passaram, a partir de 2003, a ter maior destaque nas seleções por concursos públicos. Em 2000, uma atitude ousada: a empresa expandiu a assistência médica e psicológica aos companheiros de funcionários do mesmo sexo. A empresa também não limita a idade para o ingresso em seus quadros e, a partir de 2015, passou a incluir nos concursos uma cota para pessoas negras. Além disso, a organização tem destaque com prêmios junto ao Pacto Global da ONU e à ONU Mulheres dentro do programa *Women Empowerment Principles* (Princípios de Empoderamento das Mulheres), com atuação fora dos limites da usina hidrelétrica.

Na Itaipu, a assistente administrativa Cintia Sena Duarte se orgulha de suas conquistas nos oito anos em que está lá. Paraplégica depois de um acidente, ela crê que a empresa é um exemplo no respeito e estímulo à diversidade em seus quadros. Mesmo com os avanços, ela acha que as companhias ainda precisam evoluir. "Muitas vezes as empresas escolhem a deficiência que querem em vez das pessoas, e nos exames admissionais há muitos casos

de já barrarem a pessoa por não estar no perfil de pessoas com deficiências solicitadas, não deixando nem que o candidato possa provar que também é apto para a vaga. É preciso dar chance de a pessoa provar seu valor", argumenta.

DIVERSIDADE NA PRÁTICA

Como instituição que representa e dá suporte à indústria paranaense, o Sistema Fiep valoriza a diversidade e sempre teve fortes iniciativas dentro deste tema. Como forma de avançar ainda mais e tornar-se um exemplo a ser seguido, a entidade está produzindo uma nova Política de Diversidade, com lançamento previsto para novembro, para ser aplicada internamente e também incentivar pessoas e organizações de sua rede de relacionamentos a atentar para a importância do tema.

Mais do que uma política, o Sistema Fiep vem definindo e implantando ações estruturantes para se valer da diversidade de gênero, raça, ideias, competências, compreensões e vocações, presentes no conjunto de seus colaboradores, em benefício de tudo o que a instituição faz. Este conjunto é a riqueza da organização a serviço de negócios plurais com um mesmo objetivo: tornar a indústria paranaense mais competitiva. O Sistema Fiep já tem um histórico extenso nesse tema. >>>

O programa Aprendendo com a Diversidade, voltado a pessoas com deficiência (PCDs), por exemplo, já amadureceu a ponto de a entidade se estruturar para contratar não só deficientes físicos, mas também mentais. A instituição também já está em sua terceira participação no programa bianual Pró Equidade de Gênero e Raça, da Secretaria Nacional de Políticas Públicas para Mulheres. Outra iniciativa é um programa desenvolvido pelo IEL de preparação de jovens negros para estagiar dentro do Sistema ou em indústrias diversas.

Agora, o Sistema Fiep dá um passo além, colocando essas e outras práticas dentro de uma política que promova essa diversidade. Reinaldo Bulgarelli, professor da FGV de São Paulo e consultor em diversidade da Txai Consultoria e Educação, que está contribuindo com a construção da Política de Diversidade do Sistema Fiep, explica que o documento faz um vínculo forte

com o Código de Conduta, que está em fase final de aprovação, e com a Missão, a Visão e os Valores da instituição. "É uma forma de colocar a entidade como aquela que representa e inspira, refletindo o que há de mais avançado em termos de diversidade", afirma. Para ele, as indústrias brasileiras avançaram nesse tema, mas ainda há muito a avançar. "As empresas em geral precisam reconhecer a diversidade como valor que conecta com criatividade e inovação. Ainda temos ambientes pouco cuidadosos com o respeito ao próximo. Isso pode ser verificado com as muitas queixas em pesquisas de clima organizacional, em processos na Justiça do Trabalho, nas reclamações de clientes e outros campos", analisa. Para Bulgarelli, a inclusão de mulheres e pessoas negras nas organizações ainda deixa a desejar, visto que são um grande contingente em nosso país. "Não se justifica esses grupos ainda serem minoria nas empresas brasileiras", diz.

Reinaldo Bulgarelli participa da construção da Política de Diversidade do Sistema Fiep



SERVIÇO

As indústrias que pretendem implantar políticas focadas em equidade de gênero e inclusão de pessoas com deficiência podem contar com a consultoria do Sesi no Paraná chamada de "Gestão da Diversidade". O trabalho orienta para a construção de um ambiente de trabalho que reconhece, acolhe e possibilita a igualdade de oportunidades para todos.

Para saber mais, acesse
sistemafiep.org.br/equidade «



TRABALHADORES SAUDÁVEIS E MAIS PRODUTIVOS

Programa do Sesi mapeia,
de forma pioneira no Brasil,
riscos para saúde mental dos
trabalhadores nas indústrias
para reduzir índices de
afastamento do trabalho

O Sesi no Paraná desenvolveu de modo pioneiro no país um protocolo para avaliação de riscos psicossociais nas indústrias. Ao contratar a consultoria oferecida pelo Sesi, a empresa passa por um mapeamento de riscos, construído a partir de dados coletados junto aos trabalhadores e gestores.

De acordo com a psicóloga Letícia Villar Pellegrin, consultora e pesquisadora do Programa, nas avaliações realizadas pelo Sesi são identificadas as áreas que trazem maior risco para a saúde mental dos trabalhadores.

“A partir daí, a segunda fase é buscar soluções para estes riscos >>>

de modo conjunto e implantá-las na empresa”, explica. As estratégias utilizadas são diversas e podem incluir, por exemplo, modificações em um processo, alterações nas condições de trabalho ou remanejamento de profissionais entre os setores.

Além disso, uma série de indicadores disponibilizados pela instituição no site **www.cuidesemais.org.br/indicadores** auxilia as indústrias na tomada de decisões. O objetivo do eixo Saúde Mental do Programa Cuide-se+ é apoiar as empresas na redução do índice de afastamentos dos trabalhadores por doenças mentais.

PREJUÍZOS

Para se ter uma ideia do tamanho dos prejuízos causados pelas doenças mentais ao setor produtivo, segundo estatísticas da Previdência Social, apenas em 2014 foram concedidos 209.930 benefícios como auxílio-doença para trabalhadores que apresentaram problemas relacionados aos transtornos mentais e comportamentais. Até junho deste ano, este número já chegava a quase 94 mil casos.

Segundo o engenheiro de Segurança consultor do Sesi no Paraná e gestor do projeto,

Rodrigo Meister, o novo eixo do Cuide-se+ inova ao estabelecer um método para avaliar estes aspectos no ambiente corporativo e comprovar que as indústrias estão tomando precauções para evitar riscos à saúde mental do trabalhador. “A preocupação com os riscos de saúde e de segurança tem sido frequente nas indústrias, mas não havia método que possibilitasse avaliar riscos psicossociais, nem mesmo há uma legislação específica que defina claramente quais são as responsabilidades neste sentido”, explica.

PROJETO PILOTO

Primeira empresa a receber o programa no país, a Construtora COBEC acredita que a prevenção é a melhor forma para garantir a produtividade e melhorar o ambiente de trabalho. Segundo o diretor da empresa, Fabiano Marçal Belich, os afastamentos e a baixa produtividade por transtornos mentais e comportamentais têm sido cada vez mais evidentes. “Tendo possibilidade de perceber as necessidades para a qualidade de vida do trabalhador, a empresa pode tomar as iniciativas necessárias para que o bem-estar seja preservado e a produtividade projetada seja executada. A saúde do trabalhador está ligada diretamente à saúde do negócio”, analisa o industrial. <<

CUIDE-SE



No site

cuidesemais.org.br/indicadores

estarão disponíveis indicadores para auxiliar as indústrias na tomada de decisões em relação aos riscos de doenças psicossociais dentro das empresas.



Eixo do programa
foca nas doenças
crônicas não
transmissíveis
que afetam
significativamente a
população brasileira

ATENÇÃO AO DIABETES E À HIPERTENSÃO

A população brasileira vem sofrendo as consequências da mudança de estilo de vida nas últimas décadas, com reflexos negativos na alimentação e na rotina das atividades físicas. A partir daí podem surgir doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) como acidente vascular cerebral (AVC), infarto, hipertensão arterial, câncer, diabetes e doenças respiratórias crônicas que decorrem, principalmente, de fatores de risco como tabagismo, consumo abusivo de álcool, excesso de peso, níveis elevados de colesterol, baixo consumo de frutas e verduras e sedentarismo.

De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), realizada pelo Ministério da Saúde

e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 57,4 milhões de pessoas no Brasil possuem pelo menos uma DCNT, o que equivale a 40% da população. E a situação é alarmante: as DCNT são responsáveis por mais de 72% das causas de mortes no Brasil e a terceira maior causa de afastamento do trabalho.

Há fortes evidências dos impactos negativos das DCNT e de seus fatores de risco no âmbito do trabalho, mostrando que essas doenças acarretam mais afastamentos, acidentes de trabalho, rotatividade de empregos e aposentadorias precoces. Por isso, uma das soluções que o Sesi no Paraná oferece para as indústrias é o Programa Cuide-se+ >>>

eixo Doenças Crônicas, cujo objetivo é prevenir o desenvolvimento das doenças crônicas não transmissíveis diabetes e hipertensão, além de evitar os agravos decorrentes dessas doenças nos trabalhadores já portadores.

Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde, a hipertensão atinge 31,3 milhões de pessoas acima de 18 anos (21,4% da população). Já o diabetes, segundo a Sociedade Brasileira de Diabetes, afeta mais de 13 milhões de pessoas, o que representa 6,9% da população **(leia mais no quadro)**.

De acordo com a gerente de Segurança e Saúde do Sesi, Juliana Lacerda, este eixo foi desenvolvido para assessorar as indústrias quanto ao diagnóstico, acompanhamento e avaliação dos portadores e dos funcionários predispostos a hipertensão e diabetes.

“A hipertensão e o diabetes são doenças consideradas silenciosas, ou seja, sem sintomas até que se instalem os problemas causados por elas, por isso é muito importante realizar um diagnóstico precoce, conscientizar os portadores a mudarem seus estilos de vida e fazer o tratamento adequado para controlar estas doenças, evitando assim suas consequências”, diz Juliana.

O eixo Doenças Crônicas do Programa Cuide-se+ pode gerar bons resultados para a indústria, uma vez que possibilita controlar as consequências da hipertensão e do diabetes nos trabalhadores, além de informar sobre os riscos existentes e prevenir possíveis agravos decorrentes destas doenças, promovendo a redução do absenteísmo e dos custos atrelados às ausências. A expectativa é que este eixo seja lançado para as indústrias em 2016.

DIABETES

DIABETES É UMA DOENÇA CRÔNICA NA QUAL O CORPO NÃO PRODUZ INSULINA OU NÃO CONSEGUE EMPREGAR ADEQUADAMENTE A INSULINA QUE PRODUZ



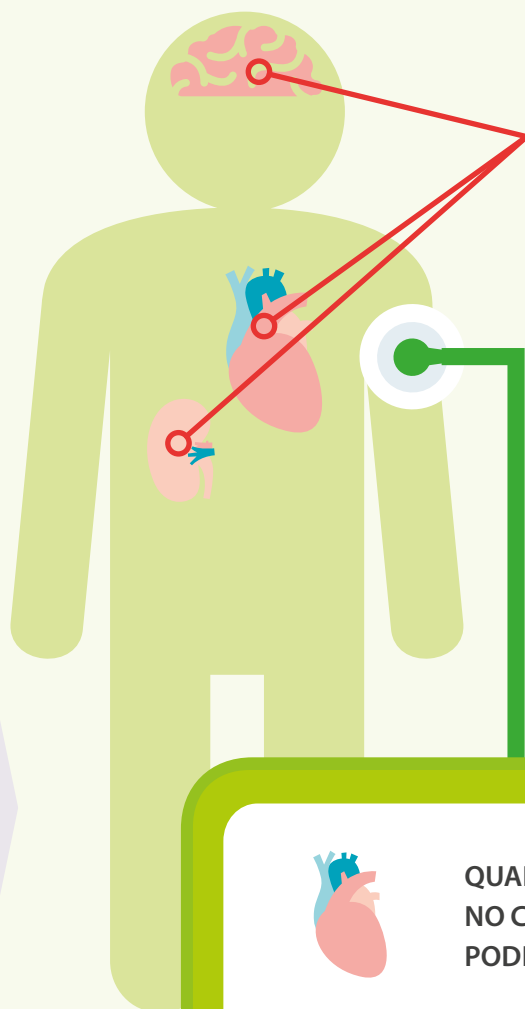
AÇÚCAR

QUANDO A PESSOA TEM DIABETES, O ORGANISMO NÃO FABRICA INSULINA E NÃO CONSEGUE UTILIZAR A GLICOSE ADEQUADAMENTE. O nível de glicose no sangue fica alto – a famosa hiperglicemia. Se esse quadro permanecer por longos períodos, poderá haver danos em órgãos, vasos sanguíneos e nervos.



Fonte: Sociedade Brasileira de Diabetes

HIPERTENSÃO



A PRESSÃO ALTA
ATACA OS VASOS,
CORAÇÃO, RINS
E CÉREBRO

USUALMENTE CHAMADA DE PRESSÃO ALTA, É TER A PRESSÃO ARTERIAL, SISTEMATICAMENTE, IGUAL OU MAIOR QUE **14 POR 9**

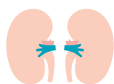
É RESPONSÁVEL POR **40% DOS INFARTOS**, **80% DOS DERRAMES** E **25% DOS CASOS DE INSUFICIÊNCIA RENAL TERMINAL**



QUANDO OCORRE O ENTUPIAMENTO DE UM VASO NO CORAÇÃO, PODE OCORRER A ANGINA, QUE PODE OCASIONAR UM INFARTO



NO CÉREBRO, O ENTUPIAMENTO OU ROMPIMENTO DE UM VASO LEVA AO "DERRAME CEREBRAL" OU AVC



NOS RINS PODEM OCORRER ALTERAÇÕES NA FILTRAÇÃO ATÉ A PARALISAÇÃO DOS ÓRGÃOS <<<

MAIS SAÚDE PARA O TRABALHADOR DA INDÚSTRIA

Eixos do programa Cuide-se + ajudam a diminuir os afastamentos do trabalho

“Atuar na promoção da saúde do trabalhador da indústria”. Esse é o lema do Sesi, que vem levando até as indústrias paranaenses projetos que têm como objetivo contribuir para a melhoria do ambiente de trabalho. Com esse intuito surgiu o programa Cuide-se +, que tem foco na prevenção e na educação a partir de informações que contribuam para mudanças de hábitos e proporcionem mais saúde para as pessoas.

Dos eixos propostos para o programa, três estão em operação: Prevenção do Câncer, Prevenção ao Uso de Álcool e Outras Drogas e Alimentação Saudável. Outros quatro estão em fase de implantação ou desenvolvimento: Saúde Mental, Prevenção de Doenças Crônicas, Prevenção de Acidentes de Trabalho e Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs).

PARA COMPROVAR O SUCESSO DO PROGRAMA, CONFIRA OS NÚMEROS ALCANÇADOS ATÉ SETEMBRO DE 2015 NOS EIXOS EM DESENVOLVIMENTO

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL (2014 A 2015)



- 36 MUNICÍPIOS CONTEMPLADOS
- 26 PARCERIAS
- 38 INDÚSTRIAS ENVOLVIDAS
- 4.490 PESSOAS ATENDIDAS

DOS TRABALHADORES ACOMPANHADOS PELA NUTRICIONISTA:

- 33% OBTIVERAM AO MENOS TRÊS MUDANÇAS POSITIVAS NOS HÁBITOS ALIMENTARES
- 48% REDUZIRAM PESO E PERCENTUAL DE GORDURA CORPORAL

98% APRESENTARAM MELHORA DE SINTOMATOLOGIA, COMO POR EXEMPLO REDUÇÃO DA PRESSÃO ARTERIAL, MELHORA DE ENXAQUECAS ETC.

SAÚDE MENTAL (2015)



- DESENVOLVIMENTO DO PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO DE RISCOS PSICOSSOCIAIS
- criação de site com indicadores



PREVENÇÃO DO CÂNCER (2014 A 2015)

- 50 MUNICÍPIOS CONTEMPLADOS
- 343 INDÚSTRIAS ENVOLVIDAS
- 9.392 TRABALHADORES BENEFICIADOS

14.088 EXAMES REALIZADOS:

- 2.889 PSA
- 3.610 PAPANICOLAU
- 1.847 MAMOGRAFIAS
- 5.742 AVALIAÇÕES DE PELE
- 158 ENCAMINHAMENTOS



PREVENÇÃO AO USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS (2014 A 2015)

- 14 MUNICÍPIOS CONTEMPLADOS
- 550 CURSOS A DISTÂNCIA DISPONIBILIZADOS PARA LIDERANÇA
- 17.000 TRABALHADORES BENEFICIADOS

SESI INOVA EM CONSULTORIA DE SEGURANÇA E SAÚDE

SEGURANÇA E SAÚDE

63

Equipes multidisciplinares atendem indústrias em todo o Paraná, oferecendo assistência na identificação dos problemas que podem levar a acidentes de trabalho e apoio na implantação das soluções

Após consultoria com o Sesi, a empresa Portas Machado tem registrado menos casos de afastamentos por acidentes de trabalho

Oferecer um ambiente de trabalho saudável e seguro é um dos elementos de sucesso no setor industrial. Afinal, uma atmosfera segura proporciona ao trabalhador condições ideais para a execução de tarefas e consequente aumento da produtividade. Na avaliação da gerente de Segurança e Saúde para a Indústria do Sesi no Paraná, Juliana Ferreira Bastos de Lacerda, acidentes e doenças geram altos custos para as empresas. “O investimento na segurança e saúde do trabalhador é um fator de diminuição de custos e aumento de produtividade”, explica a gerente. Em contrapartida, indústrias que não se preocupam suficientemente com segurança e saúde têm que acertar as contas com a Previdência Social. “O custo de uma indústria com alta frequência de ocorrências em acidentes chega a ter impacto dobrado com seguros de acidentes de trabalho”, afirma.

Pensando no bem-estar do trabalhador e no desenvolvimento da indústria, o Sesi disponibiliza uma série de consultorias para atender às principais demandas das empresas quando o assunto é Segurança e Saúde. O objetivo da assessoria oferecida às indústrias é adequar os processos empresariais para reduzir multas e indenizações em ações trabalhistas, elaborar laudos técnicos para atendimento de requisitos legais e apoiar ações que resultem em redução do afastamento do trabalhador por doenças e acidentes de trabalho. A consultoria pode ser realizada em todo o Estado do Paraná com equipes com competências multidisciplinares. “O Sesi apoia as indústrias não apenas na identificação dos problemas para atendimento às normas regulamentadoras, mas também na execução das soluções”, explica Juliana.

A empresa Portas Machado, fabricante de portas e janelas sob medida em Francisco Beltrão, já está utilizando a consultoria do Sesi. “Estabelecemos um cronograma elaborado no primeiro dia de consultoria, colocando quais as metas mais importantes no momento e quais serão as próximas a serem

atingidas, sempre visitando o chão de fábrica e orientando até os mínimos detalhes que podem ser melhorados”, explica Anaiza Gracioli, responsável pelo setor Financeiro da empresa.

Essa parceria garante uma quantidade menor de funcionários afastados por Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT), inaptos no exame periódico ou por posturas incorretas no dia a dia, como levantar peso, por exemplo. “A quantidade de CATs emitidas diminuiu quando iniciamos o trabalho com o Sesi. E cada vez que revemos esses dados temos a prova de que vale a pena cada minuto e centavo despendidos com saúde e segurança”, conta Anaiza.

Em dois meses de consultoria já é possível perceber melhorias significativas, e o trabalho é reconhecido pela indústria. “É excelente, eles (Sesi) estão prontos para esclarecer todas as dúvidas levantadas e realmente ajudar a empresa a se tornar referência nessa questão e não desistir enquanto não chegar lá”, explica Anaiza. “A cada dia temos um retorno positivo, os funcionários elogiam. É algo automático, melhorando a saúde e segurança para eles, promovemos a saúde no âmbito geral”, completa.

CONSULTORIAS SESI

As principais consultorias do Sesi são: avaliação de conformidades legais, gerenciamento de riscos, ergonomia, gestão em segurança e saúde, mapeamento e acessibilidade em postos de trabalho, saúde mental, entre outros.

Os trabalhos são desenvolvidos no ambiente industrial e preparados para atender a realidade e práticas de cada empresa. ««



UM CICLO DE MAIS DE 70 ANOS

Da fundação ao encerramento das atividades, em 1980, a Fábrica de Fitas Venske chegou a ter quase 90% do quadro de funcionários composto por mulheres tecelãs

MEMÓRIA

65

Um espaço reservado na mostra “Indústrias do Paraná”, em exposição no Museu Paranaense, em Curitiba, representa, por si só, a importância que a Fábrica de Fitas Venske tem na história do desenvolvimento econômico do Estado.

Foi comercializando fitas em uma loja de armários (Mueller & Venske Cia), na região onde hoje fica o Largo da Ordem, na capital paranaense, que Gustavo Venske, descendente de suíços, percebeu a oportunidade de abrir uma fábrica para confeccionar o produto. Em 1907, com o apoio financeiro do cunhado, inaugurou, então, uma pequena manufatura, no quintal da casa onde morava, com teares comprados de segunda mão.

Em 1912, a ainda pequena indústria foi transferida para os fundos da loja e passou a operar com o dobro da capacidade. “No ano seguinte, o meu avô, Alfredo Venske, filho primogênito do fundador, que havia ido estudar tecelagem na Alemanha e na Suíça, voltou para dedicar-se ao trabalho na fábrica e, ao longo dos anos, foi um dos principais responsáveis pelas inovações nas técnicas de produção”, relembra Vera Maria Venske, filha de Cláudio Venske.

Uma nova mudança de endereço, para o centro da cidade, em um prédio próprio, mas ainda pequeno, ocorreu em 1917. Foi somente em 1938 que a empresa passou a funcionar na sede definitiva, na rua Ubaldino do Amaral, que, depois de várias ampliações, chegou a ter 16 mil m² e a contar com refeitório, ambulatório e até berçário. Como o trabalho de tecelagem exigia delicadeza, a presença feminina era alta – chegou a representar quase 90% do quadro de funcionários.

INOVAÇÃO

Em parceria com a Metalúrgica Mueller Irmãos, a fábrica construía o próprio maquinário, o que se revelou um diferencial competitivo no mercado, em razão do baixo custo.

Entre 1935 e 1945, a Fitas Venske apostou na descentralização de parte da operação, quando 20% das tecelãs passaram a trabalhar em casa, experiência que foi na contramão da prática das demais indústrias na época. >>>



A maior parte da produção era destinada ao mercado nacional, com distribuição, inclusive, para as praças de São Paulo e Rio de Janeiro, que ficavam com 80%, chegando a todas as regiões do Brasil. “Com expressão nacional, em seus tempos áureos, as fitas da Venske foram utilizadas nas composições de grandes estilistas, como Dener Pamplona de Abreu”, conta Sílvia Venske, filha de Guido Venske e neta de Rodolfo, o segundo filho do fundador, Gustavo Venske.

A partir de 1952, a família optou por investir, também, na industrialização de bandeiras.

O encerramento das atividades ocorreu em 1980. “Apesar dos esforços do meu pai, Guido, que era quem comandava a empresa na ocasião, em manter a operação, a escassez da seda nacional, a principal matéria-prima, começou a encarecer a produção, que acabou se tornando inviável também por conta dos altos custos dos equipamentos modernos”, afirma Sílvia. Além da chegada de novas técnicas na confecção de fitas que não partiam da tecelagem.

Hoje, restaurada e adaptada, mas com a arquitetura preservada, a antiga sede é conhecida como complexo A Fábrica, em homenagem à história da Fitas Venske, e abriga empresas e diversas instituições, sendo considerado um importante centro cultural da cidade. ««





senai. nosso **i** é de **i**ndústria.

INSTITUTOS SENAI DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Mais impulso para a indústria

Em um mercado cada vez mais competitivo, o Senai no Paraná impulsiona diversos ramos da indústria por meio da tecnologia e da inovação. São soluções que passam por pesquisa aplicada, metrologia, ensaios laboratoriais, gestão da inovação, certificações e diversas consultorias, levando ao aprimoramento de processos e produtos e impulsionando a produtividade industrial. Além disso, os Institutos Senai de Tecnologia e Inovação oferecem orientação a recursos financeiros e adequação à legislação, que permitem o crescimento seguro dos seus negócios.

senaipr.com.br/empresas

**Maior rede privada
de laboratórios
integrados do País.**

**Mais de 80 Institutos
de Tecnologia no
Brasil atuando
em Rede.**

**7 Institutos de
Tecnologia e
1 de Inovação
no Paraná.**

Colégio Sesi. Educação da indústria para a indústria.

Uma instituição que promove a inserção de jovens no espaço profissional por meio de uma metodologia inovadora, voltada à formação de cidadãos críticos, autônomos e empreendedores.

Com o objetivo de formar líderes, o Colégio Sesi alia educação, tecnologia e inovação para beneficiar os filhos de industriários ao oportunizar o acesso a uma educação de qualidade e criar condições ideais para que o aluno vivencie, na prática, situações similares àquelas que vai encontrar na vida real e no mercado de trabalho.

Integração e Interdisciplinaridade

Capacitar os alunos na conquista do seu espaço, aprendendo a trabalhar em grupo e focados em superar e vencer desafios.

Autonomia e Criatividade

Desenvolver nos alunos um caminhar autônomo, propondo expressar suas ideias de maneira criativa.

Inovação e Empreendedorismo

Ofertar programas complementares e aproximar os alunos de feiras de inovação e incubadoras de projetos.

Acesse:
colegiosesi.com.br



Maior rede de ensino particular do Paraná
Com 55 unidades em 45 cidades



5 unidades
Com ensino bilingue



Metodologia
Transformadora e participativa



Ensino
profissionalizante
A partir do 2º ano